



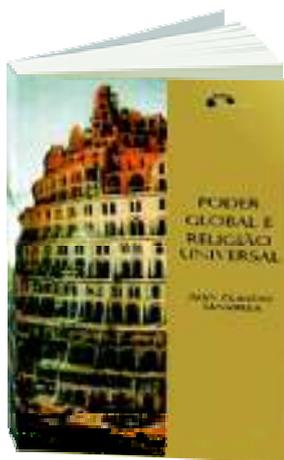
# Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Com. de Aliança e Vida (Distr. gratuita) Edição Especial (Parte 3: FINAL)

## PODER GLOBAL E RELIGIÃO UNIVERSAL

(PARTE 3: FINAL)



Neste jornal continuaremos e concluiremos a reflexão do assunto que iniciamos nesta Edição Especial composta por 3 partes. Como já mencionado nas partes 1 e 2, se trata do texto extraído do livro **“Poder Global e Religião Universal”** de autoria do **Monsenhor Juan Claudio Sanahuja**, com aprovação eclesiástica; temos aprovação editorial para reprodução no DeiVerbum.

“Que este seja um veículo para nós na oração e na interiorização para que tenhamos o verdadeiro entendimento de tudo que iremos ler e assim possamos meditar para ter a compreensão. Que o Cristo Senhor possa nos encontrar abertos para junto com Ele ressuscitarmos. Que Ele nos ajude a querer vencer nossa natureza pecadora, arrancando nossas vendas, nosso eu, para com Ele aprendermos o que é realmente ser cristão.”



**MAIS PERIGOSOS PARA A INTEGRIDADE DA FÉ** do que os que abertamente deixaram a Igreja, como Leonardo Boff ou o grupo de apóstatas “Católicas pelo Direito de Decidir”, são aqueles clérigos e leigos que cultivam a ambiguidade na maneira de formular a doutrina. São aqueles que evitam referir-se ao claro ensinamento do Magistério como se não existissem para eles, reduzindo a doutrina cristã a uma mensagem de solidariedade ou de crítica social. Considere-se, por

exemplo, a rejeição aberta ou, o que é pior, o silêncio sobre a doutrina das encíclicas *Humanae Vitae*, *Veritatis Splendor*, *Evangelium Vitae*, ainda que Bento XVI, na recente *Caritas in veritate*,<sup>(1)</sup> confirme que a *Humanae vitae* e a *Evangelium vitae* fazem parte da Doutrina Social da Igreja.

D. Antonio Canizares, em 15 de agosto de 2004, enquanto ainda era Arcebispo de Toledo e Primaz da Espanha, dizia: “A Igreja em sua peregrinação ao longo do século XX e início do século XXI passou por muitas tribulações e teve que travar muitas batalhas contra o poder das trevas. Talvez nunca na história foi tão perseguida como neste período. O laicismo reinante, a secularização generalizada do mundo e dentro da própria Igreja, a apostasia silenciosa e as deserções de muitos cristãos, o enfraquecimento das consciências e a falência moral dos tempos atuais ainda são uma provação muito severa. Está sofrendo neste tempo as mais duras e maiores perseguições”.<sup>(2)</sup>

### I. Rumo a uma igreja popular?

Na Carta *Testem benevolentiae* do Papa Leão XIII encontramos alguns parágrafos que podem nos ajudar a pensar, pois continuam muito atuais:

O fundamento sobre o qual essas novas idéias estão baseadas é que, com o objetivo de atrair mais facilmente aqueles que divergem dela, a Igreja deve adequar seus ensinamentos mais de acordo com o espírito da época, relaxar um pouco de sua antiga severidade e fazer algumas concessões às novas opiniões. Muitos acreditam que essas concessões devem ser feitas não apenas em questões de disciplina, mas também nas doutrinas pertencentes ao 'depósito da fé'. Eles argumentam que seria oportuno, para conquistar aqueles que discordam de nós, omitir certos pontos do Magistério da Igreja que são de menor importância e, desta maneira, moderá-los para que não

(1) 'Cfr. Bento XVI, *Caritas in veritate*, 29 de junho de 2009, n. 15

(2) Vid. *Noticias Globales (NG)* n° 672, 10-10-04 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org). O Cardeal Canizares é atualmente Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

tenham o mesmo sentido que a Igreja constantemente lhes deu. Não é necessário muitas palavras, amado filho, para provar a falsidade dessas idéias se se trouxer à mente a natureza e origem da doutrina que a Igreja propõe. Leão XIII continua:»

Não podemos considerar como totalmente inocente o silêncio que propositadamente leva à omissão ou desprezo de alguns dos princípios da doutrina cristã, já que todos os princípios vêm do mesmo Autor e Mestre, 'o Filho unigênito que está no seio do Pai' (Jo 1,18). Eles são adaptados para todos os tempos e todas as nações, como se vê claramente nas palavras de nosso Senhor aos seus apóstolos: "Ide, portanto, e ensinai a todas as nações, ensinando-os a observar tudo o que ordenei, e eis que estarei convosco, até o fim do mundo" (Mt 28,19). Sobre este ponto o Concílio Vaticano diz: 'Deve ser crido com fé divina e católica tudo o que está contido na Palavra de Deus, escrita ou transmitida, e que a Igreja propõe para ser crido como divinamente revelado, seja por solene juízo, seja por seu magistério ordinário e universal' (Constitutio de Catholica Fide, cap. III).

Longe da mente de alguém diminuir ou suprimir, por qualquer razão, alguma doutrina que tenha sido transmitida. Tal política tenderia a separar os católicos da Igreja, em vez de atrair aqueles que discordam. Não há nada mais perto de nosso coração do que ter de volta ao rebanho de Cristo aqueles que se separaram d'Ele, mas não por um caminho diferente ao indicado por Cristo.

A regra de vida para os católicos não é de tal natureza que não possa acomodar-se às exigências de várias épocas e lugares. A Igreja tem, guiada pelo seu Divino Mestre, um espírito generoso e misericordioso, razão pela qual ela foi desde o início o que São Paulo disse de si mesmo: 'Fiz-me tudo para todos, para salvar a todos' (1 Cor 9,22).

A história mostra claramente que a Sé Apostólica, à qual foi confiada a missão não só de ensinar mas também de governar toda a Igreja, tem-se mantido 'em uma mesma doutrina, em uma mesma direção e em uma mesma sentença' (Constitutio de Catholica Fide, cap. IV) [...]

Mas, amado filho, no presente assunto de que estamos tratando, há ainda um perigo maior, e uma oposição mais manifesta à doutrina e disciplina católicas, naquela opinião dos amantes da novidade, segundo a qual sustentam que se deve

admitir tal sorte de liberdade na Igreja que, diminuindo de alguma forma sua supervisão e cuidado, se permita aos fiéis seguir mais livremente o guia de suas próprias mentes e o caminho de sua própria atividade. Aqueles são da opinião de que tal liberdade tem sua contrapartida na liberdade civil [...]

Esses perigos, a saber, a confusão entre licença e liberdade, a paixão por discutir e mostrar contumácia sobre qualquer assunto possível, o suposto direito de sustentar qualquer opinião que melhor agrade sobre qualquer assunto, e torná-la conhecida no mundo através de publicações, têm as mentes tão envoltas na obscuridade que há agora, mais do que nunca, uma maior necessidade do magistério da Igreja, para que as pessoas não se esqueçam tanto da consciência como do dever. (3)

Leão XIII adverte sobre duas atitudes que se repetem ciclicamente ao longo do tempo: aplacar as exigências cristãs para atrair mais pessoas e aplicar na Igreja as normas do dissenso temporal, democrático. As duas se unem; a primeira leva à segunda e unidas levam à perda da fé.

## II. A apostasia silenciosa e as deserções

A apostasia silenciosa e as deserções, que o Cardeal Canizares denuncia, estão na ordem do dia em toda a Igreja; não são propriedade exclusiva de determinados países. Faremos referência à situação nos Estados Unidos e no Canadá porque eles têm uma atualidade particular e porque, graças a Deus, um considerável número de bispos nessas latitudes começou a reconquistar a identidade católica de universidades, colégios e até de organismos das próprias conferências episcopais. Ao mesmo tempo, é justo ressaltar que em muitas ocasiões, nesses países, os que abriram a brecha para a recuperação dessa identidade católica foram grupos de bravos leigos formados e mantidos na integridade da fé por piedosos sacerdotes marginalizados. (4)

No Canadá, vinte e cinco bispos, um terço da Conferência Episcopal, tomaram as ruas pela primeira vez em doze anos, nas várias convocações para a

---

(3) 'Cfr. Leão XIII, Carta Testem benevolentiae ao Emmo. Card. James Gibbons, 22 de janeiro de 1899. Ao citar Constitutio de Catholica Fide Católica faz referência à Constituição Dogmática Dei Filius do Concílio Vaticano I, 24 de abril de 1870.

(4) Vide rodapé página seguinte.

Marcha pela Vida 2009, um sinal de que estão dispostos a correr riscos pelos princípios não negociáveis enunciados por Bento XVI. Durante doze anos o ônus da Marcha recaiu sobre leigos católicos que não desistiram, apesar de, em mais de uma ocasião, serem desautorizados por alguns bispos; agora, esse imprescindível testemunho episcopal vem amadurecendo. Durante esses anos ocorreram corajosas intervenções episcopais: na batalha contra a legalização do pretenso casamento entre pessoas do mesmo sexo, na resistência à entrega da Ordem do Canadá para a abortista Henry Morgentaler, e, acima de tudo, na retificação da escandalosa Declaração de Winnipeg que a Conferência Episcopal emitiu em 1968, contrariando a doutrina da encíclica *Humanae Vitae*. No entanto, entre outras coisas, falta o fechamento e nova abertura da Organização Católica Canadense para o Desenvolvimento e Paz (D&P), uma organização de ajuda e cooperação para o desenvolvimento da Conferência Episcopal que financia ONGs abortistas no terceiro mundo. (5)

---

(4) Vid. Noticias Globales (NG) n° 972, USA: La identidad católica (I). El escándalo de Notre Dame. Obama no merece honores. Obispos que dan la cara. Los laicos protagonistas de la resistencia, 15-05-09; 973, USA: La identidad católica (II). La pérdida de la identidad católica. De la píldora al homosexualismo. El espíritu de inclusión. Espíritu de apertura, diálogo, y libertad académica. Portazo al Magisterio. La Universidad de Georgetown y otras, 18-05-09; 975, USA: La identidad católica (III). El discurso de Obama. Obama: profeta de la nueva era. Ratzinger: la clave de interpretación. Dictadura dei relativismo. Los medios de comunicación alternativos sem terroristas. La resistencia cristiana, 25-05-09; USA: Gobierno mundial y la identidad católica. El gobierno mundial necesita superar los obstáculos religiosos. Promueven la subversión dentro de la Iglesia y la apostasia de la fe. Fordham, la universidad jesuita de New York, premia a abortistas pro-gays, 29-05-09; 979, Canadá: La identidad católica (IV). Organismo de la Conferencia Episcopal de Canadá involucrado en la promoción dei aborto. Carta de la Conferencia Episcopal Peruana a los Obispos de Canadá. El enemigo está dentro. D&P y la nueva religion universal: no a los valores inmutables. Comisión investigadora, 12-06-09; 980, Canadá: recuperar la identidad católica, 14-06-09; 981, USA: La identidad católica (V). Convénios de universidades católicas con abortistas y pro-homosexuales, 20-06-09; 982, USA: La Conferencia episcopal y la identidad católica. Total apoyo al obispo John D'Arcy en cuya diócesis está la Universidad de Notre Dame. El caso dei P. Jenkins, 23-06-09; 994, Reino Unido-USA: la identidad católica (VI). El editorial de The Tablet. La respuesta de Dom Chaput. Inglaterra \$identidad católica? gHabrà que creerle a Tony Blair?, 20-08-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org).

(5) Vid. Noticias Globales (NG) n° 980, Canadá: recuperar la identidad católica, 14-06-09 y sus referencias em . É justo ressaltar a figura do Cardeal Marc Ouellet, arcebispo de Quebec, primaz do Canadá que nunca deixou de se expor, vid. Noticias Globales (NG) n°992, Cardenal Ouellet: La dolorosa soledad de Benedicto XVI, 11-08-09.

Em 2004, a Conferência Episcopal dos Estados Unidos determinou que instituições católicas de ensino evitassem convidar políticos ou outras figuras notórias reconhecidamente abortistas ou que defendem publicamente outros erros, como, por exemplo, a aceitação legal de uniões do mesmo sexo. A proibição se estendia até mesmo a eventos puramente sociais e, naturalmente, a pertencer ao corpo docente. As instituições católicas não deveriam também permitir que essas pessoas participem de conferências, mesas redondas ou conceder-lhes honras acadêmicas.(6) Esta decisão não deveria ser surpreendente, pois sempre foi tida como concessão imprópria um católico dar a cátedra aos inimigos de Deus e de seus mandamentos, aos pecadores públicos que se vangloriam de sua maldade, que dificultam a missão da Igreja, a os juizes iníquos etc. Somente nestes tempos de um pluralismo e abertura mal compreendidos é que a presença dos inimigos de Deus nas cátedras de instituições católicas se tornou freqüente, o que contribui para a generalização do engano e para a mentira da má doutrina.(7)

O documento *Católicos na vida política* (2004), dos bispos americanos, contrasta com anos de rebeldia e desobediência ao Magistério. No início de 1960, a Universidade de Notre Dame, com a ajuda da Fundação Rockefeller, ajudou a promover a ideologia do controle de natalidade. Em 1967, esta e outras universidades católicas assinaram um manifesto chamado *Land O' Lakes Statement*, no qual declaravam sua independência da autoridade da Igreja quanto a receber benefícios dos fundos de fundações privadas e subsídios do governo. Em 1968, os departamentos de teologia dessas mesmas universidades encabeçaram o protesto contra a encíclica *Humanae Vitae* do Papa Paulo VI na qual

---

(6) "Noticias Globales (NG) n° 711, USA: Actúa la jerarquia católica, 06-05-05. A medida se baseia na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (sobre as Universidades Católicas) de João Paulo II, de 15 de agosto de 1990.

(7) Isto não significa que nos despreocupemos das almas que mais necessitam, porque levam uma conduta pública e objetivamente contrária à Lei de Deus. Todos os batizados participam, de certa forma e de modo diverso, da missão do Bom Pastor que busca incansavelmente a ovelha perdida (Mt. 18, 12-14), porque Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (Ez. 18, 23). Mas, justamente porque desejamos que essas almas voltem a Deus, não as enganamos tratando-as como se não fossem nada as suas condutas, porque estaríamos causando-lhes um grave dano moral. E gravemente escandaloso oferecer-lhes uma tribuna católica para propagandear suas más obras, impedindo assim sua possível aproximação de Deus, e fazendo com que outros, confusos ou desencantados, sigam seu mau exemplo.

condena a contracepção artificial. Em poucos anos, infelizmente, as universidades Notre Dame, Georgetown, Boston College e muitas outras universidades católicas se tornaram fábricas da reengenharia social contrária à ordem natural.

Um acontecimento que demonstra como as coisas estão mudando no campo da educação católica nos Estados Unidos foi a reação pública de mais de oitenta bispos e trezentos mil leigos, que se manifestaram veementemente contra a entrega do título de doutor honoris causa ao Presidente Barack Obama, pela Universidade de Notre Dame, que era conhecido desde antes de sua eleição por suas posições em favor do aborto, das experiências com embriões humanos e do reconhecimento social e jurídico de casais do mesmo sexo, apenas para citar alguns temas.(8)

A encíclica *Humanae Vitae* continua a ser um divisor de águas entre a reta noção de pessoa humana e o novo maniqueísmo, como o chamou João Paulo II, “que leva a olhar a sexualidade humana mais como um campo de manipulação e exploração”(9) - . A doutrina da encíclica era e é rejeitada por setores católicos não só por proibir o uso de contraceptivos, mas, sobretudo, pelo porquê dessa proibição: o ato unitivo e o ato procriativo devem estar unidos em cada ato conjugal, pois na biologia da pessoa já está inscrita a vontade de Deus. O dualismo moderno não admite esta verdade, como disse João Paulo II, porque não suporta o mistério. Mas, além disso, o ensinamento da encíclica não afeta apenas a vida pessoal dos católicos e de todas as pessoas de boa vontade, mas também sua vida social, o cumprimento das suas obrigações - por exemplo, o direito ao voto e à sua ação na vida pública.(10)

Há uma profunda crise social em relação ao respeito que merece a vida humana desde a concepção até sua morte natural. O mesmo conflito afeta também a família, como união duradoura de um homem com uma mulher - ambiente natural onde os filhos são concebidos, nascem, crescem e são educados.

---

(8)“Ver as referências da nota de rodapé 114 e Noticias Globales (NG) n° 915, USA: Obama-Biden y la cultura de la muerte, 24-08-08; 927, USA: El Partido de la muerte, 30-09-08; 954, Holanda: la inquisición gay (XVII). Presionan al Papa, 10-01-09; 955, USA: Los derechos de la conciencia (III), 11-01-09; 957, USA: Kissinger, Obama y el nuevo orden mundial, 20-01-09; 978, USA: Obama institucionaliza la inquisición gay, 03-06-09; 983, USA: Obama, campeón de la causa homosexual, 01-07-09; 987, USA: los católicos de Obama (I), 26-07-09; 991, USA: Obama premia a abortistas y homosexuales, 10-08-09; 1002, ONU-Gays: piden el relevo dei presidente de la Asamblea General, 03-10-09 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

(9) Vid. João Paulo II, Carta às Famílias, 2 de fevereiro de 1994, n. 19.

(10) Vid. Paulo VI, Enc. *Humanae vitae*, 25 de julho de 1968, nn. 17, 22, 23. Vid. Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinai sobre algumas questões relativas ao compromisso e à conduta dos católicos na vida pública, 24 de novembro de 2002.

Na raiz desse verdadeiro descalabro social encontra-se a rejeição de alguns que foram ou estão atualmente na hierarquia da Igreja à doutrina da encíclica de Paulo VI e ao magistério posterior sobre estas questões. Rejeição esta que se manifesta como resistência, muitas vezes disfarçada, oculta, silenciosa. (11)

A doutrina da Igreja é clara. Em consciência, os católicos não devem participar de uma campanha de opinião a favor de uma lei injusta - aborto, contracepção, reconhecimento das uniões homossexuais etc. - nem votar a seu favor no parlamento, ou, como simples cidadãos, votar em quem a promove (12). A Congregação para a Doutrina da Fé afirma:

“[...] a consciência cristã bem formada não permite a ninguém favorecer, com o próprio voto, a atuação de um programa político ou de uma só lei em que os conteúdos fundamentais da fé e da moral sejam subvertidos com a apresentação de propostas alternativas ou contrárias aos mesmos. Uma vez que a fé constitui como que uma unidade indivisível, não é lógico isolar um só dos seus conteúdos em prejuízo da totalidade da doutrina católica. Não basta o empenho político em favor de um aspecto isolado da doutrina social da Igreja para esgotar a responsabilidade pelo bem comum. Nenhum católico pode pensar em delegar a outros o empenho que, como cristão, lhe vem do evangelho de Jesus Cristo de anunciar e realizar a verdade sobre o homem e o mundo.

Quando a ação política se confronta com princípios morais que não admitem abdições, exceções ou compromissos de qualquer espécie, é então que o empenho dos católicos se torna mais evidente e grávido de responsabilidade. Perante essas exigências éticas fundamentais e irrenunciáveis, os crentes têm efetivamente de saber que está em jogo a essência da ordem moral, que diz respeito ao bem integral da pessoa. É o caso das leis civis em matéria de aborto e de eutanásia [...] que devem tutelar o direito primário à vida, desde sua concepção até o seu termo natural. Do mesmo modo, há que afirmar o dever de respeitar e proteger os direitos do embrião humano. Analogamente,

---

(11) Por exemplo, vid. Noticias Globales (NG) n° 929, Canadá: la vuelta a la *Humanae vitae*. El episcopado canadiense rectifica una declaración de hace 40 años, 07-10-08 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

(12) Vid. João Paulo II, Enc. *Evangelium vitae*, cit., n. 73; Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinai, cit., n. 4

devem ser salvaguardadas a tutela e a promoção da família, fundada no matrimônio monogâmico entre pessoas de sexo diferente e protegida na sua unidade e estabilidade, perante as leis modernas, em matéria de divórcio: não se pode, de maneira nenhuma, pôr juridicamente no mesmo plano da família outras formas de convivência, nem estas podem receber, como tais, um reconhecimento legal. Igualmente, a garantia da liberdade de educação, que os pais têm em relação aos próprios filhos, é um direito inalienável [...] (13)

O Arcebispo Raymond Burke, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, explicou que nos meios eclesiais, ao melhor estilo do proporcionalismo ou consequencialismo moral, na hora do julgamento moral erroneamente são postos em pé de igualdade hábitos e atos que são intrinsecamente maus e outras questões que podem ter alguma ou muita relevância social, mas que são substancialmente incomparáveis com aqueles primeiros, essencialmente imorais.

Assim, por exemplo, diz o Cardeal Burke, ao votar, seguindo o caminho errado do proporcionalismo, pensa-se que a posição quanto à guerra do Iraque, o acesso universal ao sistema de saúde e outras questões relativas à segurança e ao bem-estar, a importância da diplomacia e do diálogo, a política energética e sua influência sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas, pode justificar o voto em um candidato que promove o aborto, as experiências com células embrionárias, o chamado “casamento” entre pessoas do mesmo sexo, a distribuição de contraceptivos, a violação dos direitos dos pais, a eutanásia etc. (14)

O próprio Cardeal Ratzinger, em agosto de 2004, quando escreveu à Conferência Episcopal americana sobre a recepção da Sagrada Comunhão por políticos abertamente pró-aborto, disse que “pode haver uma legítima diversidade de opinião entre os católicos sobre a guerra e a aplicação da pena de morte, mas não,

no entanto, sobre o aborto e a eutanásia”. (15)

### III. Alguns casos atuais:

#### a) A dissidência católica

Nos Estados Unidos a esquerda católica ou os católicos dissidentes vieram à luz porque foram postos em evidência pela hierarquia e por associações de leigos fieis à doutrina da Igreja. No entanto, esta heresia está presente de modo mais silencioso em outras latitudes e se estende por todo o mundo católico.

Em aberta rebelião contra os bispos americanos, estes pseudo-católicos apoiaram a nomeação de uma abortista convicta e sectária, Kathleen Sebelius, ex-governadora do Kansas, como Secretária de Saúde do governo de Barack Obama. Entre os que apoiaram publicamente a nomeação, está o teólogo da libertação Miguel Diaz, atual embaixador dos EUA para o Vaticano, e um grupo de professores católicos, alguns deles sacerdotes. (16)

b) A obrigação de corrigir aquele que erra No momento de ser nomeada, Sabellius já tinha recebido várias advertências do arcebispo de Kansas, Dom Joseph Naumann, que decidiu negar-lhe a Sagrada Comunhão por sua frontal oposição à defesa da vida e suas inúmeras medidas a favor do aborto. Como alguns círculos católicos consideraram excessivo o teor da medida, o Cardeal Burke explicou com clara doutrina a decisão do arcebispo de Kansas: “Dom Naumann agiu com caridade pastoral exemplar protegendo o Corpo e Sangue de Cristo da recepção indigna, e evitando assim que a governadora cometa o gravíssimo pecado de

(13) Cfr. Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinai, cit., n. 4

(14) Cfr. Raymond Burke, Reflections on the Struggle to Advance the Culture of Life, intervenção durante o 14º Jantar Anual de Parceiros do InsideCatholic's, 18-09-09 em <http://insidecatholic.com>. Vid. Noticias Globales (NG) n° 582, México: un católico vota así, 18-05-03; 663, USA: La Iglesia y la vida pública. Aborto, homosexualidad, eutanasia, 24-08-04 e 664, 26-08-04; 723, Santa Sede: Católicos y vida pública, 17-07-05; 706 Uniones homosexuales. El deber de oponerse, 24-04-05; 711, USA: Actúa la jerarquía católica, 06-05-05; 775, Aborto: el deber de reaccionar, 13-05-06; 799, USA: confundir a los católicos, 16-10-06; 911, USA: Los católicos y las elecciones, 14-08-08; 918, USA: Los obispos no callan, 04-09-08; 922, USA: Los obispos corrigen a Joe Biden, 11-09-08;

(15) Cfr. Noticias Globales (NG) n° 664, USA: La iglesia y la vida pública II. Nota dei Cardenal Ratzinger a la Conferência Episcopal, 26-08-04.

(16) Sobre a nomeação de Kathleen Sabelius, por exemplo, Dom Raymond Burke disse em declarações à associação Catholic Action: “sua nomeação é vergonhosa, porque traiu publicamente e em repetidas ocasiões sua fé católica”, 15-03-09. Alguns católicos que publicamente apoiaram a nomeação em oposição à hierarquia foram os professores Lisa Sowle Cahill, do Boston College; Nicholas Cafardi, da Duquesne University, William D'Antonio, da Catholic University of America-, Miguel H. Diaz, do College of St. Benedict e St. John's University (Minnesota); Julia Dowd, da University of San Francisco-, Joseph Fahey, do Manhattan College-, Fr. David Hollenbach, SJ, do Boston College-, Delores Leckey, da Georgetown University (Woodstock Theological Center fellow); Fr. Thomas Massaro, SJ, do Boston College-, Vincent Miller, da Georgetown University-, David O'Brien, do College of the Holy Cross; Fr. Thomas Reese, SJ, da Georgetown University (Woodstock Theological Center fellow); Stephen Schneck, da Catholic University of America. Vid. <http://www.cardinalnewmansociety.org>; Ertelt, Steven, Catholic Professors Criticized for Supporting Pro-Abortion Sebelius for Health Post, LifeNews.com, March 4, 2009.

sacrilégio. Desse modo, também, pôs fim ao grave escândalo provocado”. (17)

Em sua fala no Inside Catholic's 14th Annual Partnership Dinner, (18) o Prefeito da Assinatura Apostólica reafirmou a doutrina tradicional, dizendo que aqueles que se declaram católicos e que, ocupando cargos públicos, escandalizam outros fiéis devem ser corrigidos e sua retificação também deve ser pública. Provocam escândalos os que promovem políticas e leis que “permitem a destruição da vida humana inocente e indefesa” e “violam a integridade do matrimônio e da família”. O resultado dessas ações é que os cidadãos são confundidos e induzidos a errar sobre princípios morais básicos. “A reparação dos danos causados pelo escândalo começa com o reconhecimento público do próprio erro e da declaração pública de sua adesão à lei moral. A alma, que reconhece a gravidade do que foi feito, compreende imediatamente a necessidade de reparação pública”.

#### c) Unidade ou tirania do relativismo?

O Cardeal Raymond Burke continuou descrevendo uma situação que não é exclusiva dos Estados Unidos: “Uma das ironias da situação atual é que a pessoa que sofre e denuncia o escândalo provocado por ações públicas gravemente pecaminosas de outro cidadão católico é que é acusada de falta de caridade e de provocar a divisão na Igreja. Numa sociedade cujo pensamento se rege pela 'tirania do relativismo' e pelo politicamente correto, os respeitos humanos são os critérios últimos do que se deve fazer e do que se deve evitar; a idéia de que alguém induza ao erro moral não tem muito sentido. O que causa espanto neste tipo de sociedade é justamente que alguém não respeite o politicamente correto e, portanto, essas pessoas são qualificadas de perturbadores da paz. Mentir ou não dizer a verdade, no entanto, nunca é um sinal de caridade. A unidade que não está fundamentada na verdade da lei moral não é a unidade da Igreja. A unidade da Igreja se baseia em dizer a verdade com o amor. A pessoa que sofre e denuncia o escândalo causado por ações públicas dos católicos não apenas não destrói a unidade, como também convida aquele que escandaliza a reparar uma grave violação da moral da Igreja” e a restaurar sua unidade com Ela.

---

(17) Entrevista a Life Site, 13-03-09, <http://www.lifesitenews.com>. Dom Naumann explicou o porquê de sua decisão de pedir publicamente à governadora Sebelius que não se aproximasse da Sagrada Comunhão. “Minha motivação foi - disse Naumann - principalmente proteger a Igreja e sua doutrina e em segundo lugar proteger nosso povo de ser induzido ao erro”, em <http://www.CatholicAction.org>

(18) “Vid. Raymond Burke, Reflections on the Struggle to Advance the Culture of Life, cit.

#### d) O Obamismo

Considerando a clareza da Nota Doutrinai da Congregação para a Doutrina da Fé, cabe uma pergunta: como podem existir pessoas que se consideram católicas - destacando obstinadamente essa condição - e se declaram a favor de leis iníquas contra a ordem natural ou apoiam um político que as promove?

Não estou me referindo aos católicos que agem de modo incoerente com a fé e a moral, que sempre existiram e continuarão existindo. Na verdade, todos nós batizados devemos viver lutando pessoalmente contra a incoerência do pecado. O notável é a atitude de quem reafirma sua condição de católico e ao mesmo tempo rejeita o que a Igreja ensina de modo explícito ou implicitamente.

Acontece, às vezes, que isto se faz em nome da liberdade do cristão de escolher nas questões políticas, julgando de antemão que tudo o que seja colocado na esfera política é opinável, como, por exemplo, as opções oferecidas no processo eleitoral. Alterar o plano de Deus, seja com o pecado pessoal, seja com a subversão da ordem natural através de projetos políticos, nunca é moralmente aceitável e, portanto, nunca se trata de questões opináveis.

Ainda que seja grave que os grupos de poder global, os meios de comunicação e todas as estruturas mundanas tenham imposto Barack Obama - com grande êxito - como uma espécie de príncipe da paz, é ainda mais lamentável que tenha surgido nos meios eclesiais e não apenas entre os chamados católicos dissidentes o que poderíamos denominar de obamismo.

Creio que uma das razões desta veneração pelo presidente norte-americano decorra de sua mensagem, tão sedutora quanto vazia de verdade. A linguagem de Barack Hussein Obama é a linguagem da Nova Era. Seu discurso na Universidade de Notre Dame foi um exercício de retórica de dialética relativista, cativante para aqueles que estão vivendo em um confortável torpor e se comprometem a não pensar ou, ainda, que confundem a busca da paz com o irenismo. Na Universidade de Notre Dame o presidente exortou a se “chegar a uma base comum de entendimento, conciliando o inconciliável”, abolindo assim o princípio da não contradição, que nos ensina que nada pode ser e não ser ao mesmo tempo.

Em Notre Dame o presidente “estendeu a mão” àqueles que não aceitam o aborto “para juntos chegar a reduzir o número de abortos e de gravidezes não desejadas”, quando o que se trata, na verdade, é de eliminar a legislação que autoriza o aborto e deixar de qualificar de não desejadas algumas crianças ainda não

nascidas.

E possível conjugar a certeza científica e moral de que o aborto é um crime e, ao mesmo tempo, concordar que uma sociedade destrua sistematicamente os mais fracos? Que base comum de entendimento pode existir entre as duas posturas? E lícito viver como se não existisse um holocausto escondido e silencioso? E possível olhar adiante, construindo juntos, sem ter cumplicidade com leis iníquas que atentam contra a lei natural e transformam a sociedade em algo injusto e miserável, ainda que viva em pleno bem-estar material?

O presidente norte-americano chamou ao diálogo - palavra mágica do relativismo - “para conciliar as crenças de cada um com o bem de todos”, como que dizendo: “Estamos dispostos a crer em tudo, também em uma contradição, pela simples razão de que não cremos em nada”. Obama rejeita e combate a verdade imutável, por isso sua visão é incompatível com a fé cristã: “a ironia última da fé é que necessariamente admite dúvidas: Esta dúvida não deve empurrar-nos para fora de nossa fé [...] mas nos obriga a permanecer abertos e curiosos e desejosos de continuar o debate moral e espiritual”.(19) O resultado lógico do programa de Obama é o sincretismo como religião de Estado, laica e universal.

Analisando o discurso de Obama, Dom Robert W. Finn - Bispo de Kansas City, St. Joseph - declarou que da forma como o presidente o coloca o diálogo é impossível, porque ele mesmo admitiu diferenças irreconciliáveis com a Igreja sobre a questão do aborto. Dom Finn afirmou que a vida inocente é inegociável. “Podemos negociar sobre o que é intrinsecamente mau? A resposta é não”. (20)

Para George Weigel, Obama se imiscuiu nos assuntos internos da Igreja. “O presidente dos Estados Unidos decidiu definir o que significa ser católico no século XXI”, assumindo a chefia dos católicos dissidentes, confrontando intelectuais católicos e as instituições da Igreja com seus bispos e com Roma, reeditando uma nova forma de galicanismo. (21)

O obamismo chega a expressões delirantes como o artigo do Pe. John W. O'Malley, SJ, Barack Obama and Vatican II, publicado na revista América, (22) no qual propõe Obama como intérprete autorizado do Concílio

---

(19)Vid. Schooyans, M., Conferência na Assembléia da Pontifícia Academia de Ciências Sociais, 01-05-09, O messianismo reinterpretado, cit. vid. Anexo.

(20) Cfr. CAN, 25-05-09.

(21) Cfr. CNA, 20-05-09.

(22) Cfr. O'Malley SJ, John W., Barack Obama and Vatican II. The president's persona and the spirit of the council, America National Catholic weekly, 25-05-09 em [magazine.org/content/article.cfm?article\\_id=11688](http://magazine.org/content/article.cfm?article_id=11688)

Vaticano II. O obamismo também é causa das declarações, descaradamente heréticas, da católica Kathleen Kennedy Townsend, (23) a ex-vice-governadora de Maryland, que passa do insulto pessoal ao Santo Padre à recusa da encíclica *Humanae vitae*, incluindo a apologia ao aborto, ao sacerdócio feminino e ao mal denominado casamento entre pessoas do mesmo sexo, para concluir que os católicos norte-americanos estão mais bem representados por Obama do que por Bento XVI. Para a família Kennedy, emblemática do catolicismo norte-americano, o aborto se transformou em dogma por influência de um significativo grupo de sacerdotes. (24) Faz-se necessário dizer que a única que se manteve em comunhão com a doutrina da Igreja foi Eunice Kennedy Shriver.

Quem sustenta a heresia? Segundo Bill Donohue, presidente da Catholic League (25), Georges Soros é um dos financiadores da chamada esquerda católica norte-americana, isto é, aqueles pseudo-católicos que não aceitam o magistério, especialmente em questões relacionadas à defesa da vida humana e da família, reunidos nas associações Catholics in Alliance for the Common Good [Católicos em Aliança pelo Bem Comum] e Catholics United [Católicos Unidos], (26) católicos aliados ao Presidente Barack Obama.

---

(23) Kennedy, Kathleen, Without a Doubt. Why Barack Obama represents American Catholics better than the pope does, Newsweek 09-07-09 em <http://www.newsweek.com/id/205961>

(24) Cfr. Jonsen, Albert, *The Birth of Bioethics*, Oxford University Press, 1998. O autor detalha um encontro chave na gestação da dissidência católica, na qual se impôs a idéia de que, em sã consciência, um político católico pode aceitar e promover o aborto. Nas páginas 52, 291 e 292 do livro, descreve o Hyannisport meeting na casa de Robert Kennedy, no verão de 1964. Estavam presentes à reunião os membros da família Kennedy, os Shriver e um grupo de sacerdotes católicos: o moralista Pe. Joseph Fuchs, SJ; o Pe. Robert Drinan, SJ, então diretor do Boston College Law School; o Pe. Richard McCormick, SJ; e o Pe. Charles Curran, além do próprio Jonsen, ainda no exercício do sacerdócio. A base sobre a qual se iniciou a reflexão foram os argumentos de outro teólogo dissidente, o Pe. John Courtney Murray, SJ, segundo os quais a legislação que permitisse o aborto seria tolerada se os esforços políticos para reprimi-la fossem equiparados aos graves riscos para a paz social e a ordem. O relato do encontro foi feito pelo Pe. Giles Milhaven, SJ, em 1984, num café da manhã da organização de apóstatas Catholics for a Free Choice (cfr. Anne Hendershott, How Support for Abortion Became Kennedy Dogma, *The Wall Street Journal*, 02-01-09).

(25) “Vid. Catholic League for Religious and Civil Rights, George Soros funds catholic left, [Liga Católica pelos Direitos Religiosos e Civis, George Soros financia a esquerda católica] 20-10-08.

(26) “Noticias Globales (NG) n° 961, Benedicto XVI amonesta a Nancy Pelosi, 20-02-09. Considere-se que, no dizer de muitos observadores, George Soros é um dos financiadores do presidente Barack Obama.

e) Dom Chaput: recuperar a identidade católica

Em sua resposta ao cardeal Georges Cottier, autor de um artigo elogioso dos discursos de Obama na Universidade de Notre Dame e na Universidade islâmica Al-Azhar do Cairo, Dom Charles Chaput, arcebispo de Denver,(27) referindo-se apenas à intervenção presidencial na universidade americana, afirmou:

“Quando o bispo local de Notre Dame se declara em desacordo com determinado orador, e outros oitenta bispos e trezentos mil leigos apoiam abertamente este bispo, toda pessoa razoável deve concluir que há um problema concreto em relação a este orador, ou pelo menos com relação ao seu discurso específico [...] O desacordo sobre a intervenção do Presidente Obama na Universidade de Notre Dame não tem nada a ver com a questão de saber se ele é um homem bom ou mau. É, sem dúvida, um homem com grandes dotes. Possui um excelente instinto moral e político, e mostra uma devoção admirável à sua família. Estas são coisas que contam, mas, infelizmente, contam também essas outras: o ponto de vista do presidente sobre questões decisivas de bioética - incluindo o aborto, mas não se limitando a ele - difere radicalmente da doutrina católica. É exatamente por isso que Obama pôde contar por muitos anos com o apoio de poderosas organizações favoráveis» ao 'direito ao aborto'. Em alguns círculos religiosos se fala da simpatia do presidente pela doutrina social católica, mas a defesa do feto é uma exigência de justiça social. Não há 'justiça social' alguma se os membros mais jovens e indefesos da espécie humana podem ser legalmente assassinados. É verdade que os bons programas para os pobres são vitais, mas não podem servir para justificar esta violação Dom Chaput continua:

A verdadeira causa das preocupações católicas sobre a intervenção de Obama em Notre Dame foi sua posição abertamente negativa em relação à questão do aborto e outros assuntos controversos. Com sua iniciativa, a Universidade de Notre Dame ignorou e violou as disposições firmadas pelos bispos dos Estados Unidos no documento 'Catholics in Political Life' [Católicos na Vida

---

(27) Vid. Cottier, Georges. A política, a moral e o pecado original, Newsletter 30 Giorni, 20-07-09, em <http://www.30giorni.it/sp/articolo.asp?id=21200>; Chaput, Charles. A política, a moral e uma presidente. Uma visão americana, 08-10-09 em <http://www.ilfoglio.it/soloqui/3502>; Noticias Globales (NG), n° 993, USA: El terreno común es una trampa abortista, 27-08-08 em [www.noticiasmglobales.org](http://www.noticiasmglobales.org)

Política], publicado em 2004. Neste documento, os bispos exortavam as instituições católicas a não conceder honras públicas a funcionários do governo que estejam em desacordo com a doutrina da Igreja em questões de importância primordial [...] O áspero debate que na primavera passada dividiu os católicos dos Estados Unidos pela distinção outorgada a Barack Obama pela Universidade de Notre Dame não foi absolutamente sobre políticas partidárias. Pelo contrário, tratava-se de graves problemas para a fé católica, sua identidade e testemunho - desencadeados pelas opiniões do senhor Obama -, que o Cardeal Cottier, escrevendo fora do contexto norte-americano, pode haver entendido mal.

Dom Chaput conclui esta parte da sua resposta, afirmando:

As chamadas políticas de 'terreno comum' sobre o aborto podem, na realidade, minar radicalmente o bem comum, porque implicam numa falsa unidade: estabelecem uma plataforma de acordo pública muito estreita e frágil para sustentar o peso de um autêntico consenso moral. O bem comum jamais poderá ser patrocinado por quem tolera o assassinato dos mais fracos, começando pelas crianças que ainda não nasceram.

Finalmente, Dom Chaput agradece ao Cardeal Cottier por lembrar “o respeito mútuo e o espírito de cooperação, necessários para a cidadania de uma democracia pluralista. Mas, diz, o pluralismo não é um fim em si mesmo e nem é uma desculpa para a inação. Como o próprio presidente Obama reconheceu em Notre Dame, a saúde da democracia depende de pessoas com convicção que lutam duramente em praça pública pelo que acreditam, pacífica e legalmente, mas com vigor e sem desculpas”.

f) O desvendamento do cisma

No início de 2009, a Santa Sé, através da Congregação para a Vida Consagrada e para os Institutos de Vida Apostólica, determinou uma visita apostólica a fim de examinar a qualidade de vida das religiosas. Foi nomeada como visitadora a superiora geral da congregação das Apostles of the Sacred Heart of Jesus [Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus], Mary Clare Millea. O processo levará vários anos.

A oposição à visita não se fez esperar. Uma conhecida religiosa, Samdra M. Schneiders, professora emérita de Novo Testamento e espiritualidade na Jesuit School of Theology de Berkeley, fez um

vigoroso apelo para que não apenas se negasse toda a colaboração para a visita apostólica, como também para que não se deixasse sequer as visitadoras entrarem nas casas religiosas; o jornal *New York Times* noticiou amplamente suas declarações. O Pe. Richard P. MacBrien denunciou, por sua vez, que as religiosas visitadoras que ajudam a irmã Millea tinham sido obrigadas a fazer uma profissão pública de adesão à fé católica e de fidelidade à Sé Apostólica. MacBrien é professor de teologia na Universidade de Notre Dame e argumenta que a profissão de fé faz com que a visita apostólica esteja escorada ideologicamente. (28)

Em abril de 2009, a Congregação para a Doutrina da Fé começou uma avaliação doutrinária da Leadership Conference of Women Religious (LCWR) [Conferência de Lideranças de Mulheres Religiosas], uma organização que reúne noventa e cinco por cento das cinquenta e nove mil religiosas dos EUA. A avaliação é realizada pelo Bispo Leonard P. Blair, da Diocese de Toledo (Ohio), e Charles D. Brown. (29)

Em seu boletim de 22 de abril de 2009, o site *Life Site News* informou sobre algumas reuniões da Congregação da Doutrina da Fé com as responsáveis pela LCWR, realizadas em 2001. Nelas teriam tratado da adesão por parte dessa federação de religiosas à doutrina da Igreja. As questões doutrinárias discutidas foram: a ordenação de mulheres, a natureza da Igreja, a salvação através da Igreja, as confissões cristãs e as outras religiões e o problema da homossexualidade. Tendo em conta que “os problemas que levaram às reuniões em 2001 ainda estão presentes”, o Cardeal William Levada, agora prefeito da Congregação, em 20 de fevereiro de 2009 comunicou à LCWR a decisão de realizar uma avaliação doutrinária.

Segundo o depoimento do padre dominicano Philip Powell, noticiado pelo *Life Site News*, a cultura da oposição está enraizada na Leadership Conference of Women Religious. “A LCWR procura subverter o ensinamento tradicional da Igreja”, disse ele, “particularmente no que diz respeito à pessoa de Cristo, à Igreja e à sexualidade”. O Pe. Powell afirmou ainda que a organização manifesta-se abertamente contra a hierarquia e o magistério e tende a introduzir uma nova cosmologia eco-feminista contra as crenças mais básicas do cristianismo.

---

(28) Vid. MacBrien, Richard P., U.S. women religious and the Vatican's visitation, 24-07-09 em <http://www.the-tidings.com/2009/072409/essays.htm>

(29) Vid. *Life Site*, 22-04-09, 24-04-09; *The New York Times*, a01-07-09; CNA, 07-05-09; 06-08-09; 05-09-09

Outra entrevistada pelo site *Life Site News* foi Donna Steichen, autora do livro *Ungodly Rage: the hidden face of Catholic feminism* [Ódio iníquo: a face oculta do feminismo católico], publicado em 1991, onde relata sua própria experiência com grupos de freiras católicas “progressistas” nos Estados Unidos, incluindo a LCWR. Steichen situa o início da rebelião nos anos 60 e a descreve como uma sistemática oposição à autoridade da Igreja: na pregação das “teólogas feministas”, no franco apoio aos grupos pró-aborto, nos argumentos a favor do reconhecimento da homossexualidade como tendência normal e aceitável e na prática de rituais esotéricos e da *New Age* (30). Para Steichen, as freiras americanas mereciam terem sido investigadas há 30 anos.

Uma vez iniciadas as investigações a cargo da Santa Sé, o próprio Dom Leonard Blair, Bispo de Toledo (Ohio), encarregado pela Congregação para a Doutrina da Fé da avaliação doutrinária, teve que ordenar o cancelamento de um workshop sobre o chamado *New Ways Ministry* [Ministério Novos Caminhos], que ia ser celebrado no campus das Sisters of St. Francis [Irmãs de São Francisco], em Tiffin (Ohio). O *New Ways Ministry* é apresentado como “um positivo serviço de homossexuais para a promoção e a justiça entre os católicos gays e lésbicas”. As organizadoras expressaram seu desagrado pela medida tomada pelo Bispo, e argumentaram que o programa era desenvolvido há trinta e dois anos.

---

(30) “Uma questão que provocou a reação negativa de muitas religiosas à hierarquia foi a publicação da Conferência Episcopal sobre o chamado Reiki, vid. Committee on Doctrine United States Conference of Catholic Bishops, Guidelines for evaluating Reiki as an alternative therapy, 25 March 2009. Diz o documento: “Para usar o Reiki deveria se aceitar, ao menos de forma implícita, elementos centrais da visão de mundo que está subjacente à teoria Reiki, elementos que não pertencem nem à fé cristã nem à ciência natural [...] Sem justificação nem da fé cristã nem da ciência natural, portanto, um católico que confie no Reiki estaria atuando dentro da esfera da superstição, essa terra de ninguém que não é nem fé nem ciência. A superstição corrompe o culto a Deus voltando os sentimentos e a prática religiosa para uma direção falsa. Ainda que em algumas ocasiões as pessoas caiam na superstição por ignorância, é responsabilidade de todos os que ensinam em nome da Igreja eliminar tal superstição tanto quanto seja possível”. O documento conclui: “posto que a terapia Reiki não é compatível nem com o ensinamento da fé cristã nem com a evidência científica, não seria apropriado que instituições católicas, como estabelecimentos de saúde católicos e centros de retiros, ou pessoas que representem a Igreja, como capelães católicos, promovam ou proporcionem a terapia Reiki”. A proliferação do orientalismo não é exclusiva dos Estados Unidos. A *Info Católica* (19-10-09) enumera, como pequena amostra, mais de vinte mosteiros, conventos e casas de espiritualidade distribuídos pela Espanha e dirigidos por ordens religiosas católicas, nos quais grupos de meditação zen fazem proselitismo budista e levam a cabo retiros espirituais destinados tanto a neófitos como a praticantes habituais de tal método de meditação e oração mental.

Em setembro de 2009, o Arcebispo de Cincinnati, Dom Daniel Pilarczyk, revogou publicamente o mandato da irmã Louise Akers de ensinar a doutrina católica por não aderir ao magistério da Igreja sobre a ordenação de mulheres. A religiosa apareceu, incluindo sua foto, entre as dirigentes da Women's Ordination Conference [Conferência para a Ordenação de Mulheres] no site dessa organização.

Em outubro do mesmo ano, o Cardeal Franc Rodé, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, exigiu que a freira beneditina espanhola Sor Teresa Forcades manifestasse publicamente sua adesão aos princípios doutrinários da Igreja. Forcades tinha concedido uma entrevista na televisão, em junho, na qual advogava pelo direito de decidir da mãe em relação ao aborto e se mostrava favorável à distribuição da pílula do dia seguinte. A freira respondeu com um artigo na revista *Foc Nou*, garantindo que respeitava o Magistério da Igreja, mas tinha o direito de expressar opiniões contrárias a ele, confirmando sua posição sobre o aborto. A freira, que entrou para o mosteiro de São Bento de Montserrat em setembro de 1997, estudou medicina em Barcelona (1990) e, de acordo com seus próprios dados, fez especialização em medicina interna nos Estados Unidos e licenciatura em Teologia na Universidade de Harvard em 1997 (31), porém nem a Universidade de Harvard é católica nem o é sua escola de teologia, a Harvard Divinity School.

Assim, por exemplo, é professor da Harvard Divinity School (HDS) o teólogo católico Francis Schüssler Fiorenza, antigo professor da Universidade de Notre Dame e da Catholic University of America, neomarxista cuja teologia política é inspirada em John Rawls e Jürgen Habermas. Também leciona em Harvard a teóloga católica Elisabeth Schüssler Fiorenza, considerada um dos maiores expoentes da teologia feminista, outra antiga professora de Notre Dame. Susan Abraham, outra teóloga católica feminista, figura entre os professores da HDS.

Uma graduada do Womens Studies in Religion Program [Estudos da Mulher no Programa de Religião] da Harvard Divinity School foi protagonista de um incidente em outubro de 2009, confrontando grupos pró-vida que se manifestavam pacificamente diante de uma clínica de abortos na região de Chicago. Trata-se da religiosa dominicana Donna Quinn, que durante anos

exerce um voluntariado de acompanhamento das mulheres que vão abortar.

O acompanhamento consiste em evitar que alguém se aproxime dessas pobres mulheres e lhes ofereça um folheto contra o aborto, lhes dê um conselho ou as incentive a encontrar outra solução. Quinn defende a liberdade reprodutiva: que as mulheres façam o que quiserem com seu corpo.

Esta atividade é apenas uma no currículo da religiosa, que defende de forma pública idéias totalmente contrárias aos ensinamentos da Igreja. Quinn foi fundadora, em 1974, da organização Chicago Catholic Women, que foi dissolvida em 2000 e criada para influenciar a Conferência Episcopal Americana e impor aos Bispos a teologia feminista. Atualmente, ela é coordenadora da National Coalition of American Nuns [Coalisão Nacional de Freiras Americanas] (NCAN), que rejeita publicamente a doutrina católica sobre a contracepção, o aborto, o homossexualismo e a ordenação de mulheres. De acordo com as suas declarações: “Todas as religiões organizadas são imorais em sua discriminação de gênero”.

Depois do escândalo de outubro, provocado pela cumplicidade de Quinn na realização de abortos, delito que carrega severas penas canônicas, a Irmã Patrícia Mulcahey, priora do convento das Irmãs Dominicanas de Sinsinawa, em declarações à imprensa, justificou as atividades pró-aborto de Quinn. No entanto, em 2 de novembro de 2009, no site do convento, foi anunciado que seriam tomadas medidas disciplinares, uma vez que o comportamento da Irmã Donna Quinn não era compatível com a sua “condição e compromissos de religiosa dominicana”. (32)

Neste, como em centenas de casos, foram os leigos, individualmente ou através de suas associações, que relataram a situação à hierarquia local e à Santa Sé.

No entanto, as coisas estão muito longe de mudar. Considere-se que em agosto de 2009, com a avaliação doutrinária já iniciada, a Leadership Conference of Women Religious (LCWR) convidou como conferencista ilustre a comentarista de assuntos políticos da cadeia ABC, Cokie Roberts. Roberts, que se intitula católica, critica sistematicamente a doutrina da Igreja sobre o aborto, a contracepção e a homossexualidade. Sobre Bento XVI afirmou que “realmente carece da virtude teológica da caridade”.

(31) “Vid. Forum Libertas, 05-07-09; 08-07-09; 10-07-09; Religión en Libertad, 18-10-09; Info Católica, 10-10-09; e <http://www.benedictinescat.com/Montserrat/Teresacas.html>

(32) Vid. Life Site, 23-10-09; <http://www.sinsinawa.org>

A presidente da Leadership Conference of Women Religious, irmã J. Lora Dambroski, reconheceu que esse encontro se centraria na visita apostólica e na avaliação doutrinária, mas observou que as dirigentes da LCWR tinham cerrado fileiras em reação às duas intervenções da Santa Sé. “Esta é uma boa oportunidade de sermos honestas - disse - e contar a história do que somos sem medo”.

A Leadership Conference of Women Religious (LCWR) faz parte do Comitê Interamericano de Vida Religiosa junto com a Confederação Latinoamericana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR). A LCWR também participa da União Internacional de Superiores Gerais (UISG), que exige um capítulo a parte.

#### g) Superiores Religiosos: Carta da Terra e Ética Planetária

Na reunião plenária e na Assembléia da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), realizada em Roma em maio de 2007, foram produzidos documentos interessantes que mostram até onde chegou a infecção.

Não nos deteremos em todos os aspectos ambíguos das declarações, simplesmente ressaltaremos que a Declaração da Assembléia (6 a 10 de maio de 2007), ratificada pela Assembléia de Delegadas em 12 de maio de 2007, afirma:

“Nós, as oitocentas e cinquenta superiores gerais representando cerca de oitocentos mil membros de Institutos Religiosos Católicos espalhados por todo o mundo, refletimos em conjunto sobre o tema: 'chamadas a tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para toda a humanidade’ [...]”

“Vi a miséria de meu povo...escutei seu grito diante de seus opressores, conheci suas angústias. Desci para libertá-los (Êxodo 3,7)”

- “Esta Palavra nos interpela a buscar uma resposta profética dada aos grandes desafios que vimos e aos clamores que ouvimos.”

- “A aspiração da mulher a redescobrir sua dignidade e seu verdadeiro lugar no mundo e na Igreja.”

- “Os gemidos da terra ferida, a fim de ser reconhecida como sagrada, e tornar-se a casa de todos e de todas”.

- “A sede de uma comunhão mais profunda

entre os crentes das diferentes religiões” [...] (33)

Na síntese dos trabalhos de grupo da Assembléia foram decididas as seguintes ações concretas:

- “Repensar nossos votos a partir do ponto de vista ecológico”;
- “Incluir a espiritualidade da Terra nos programas de formação inicial e permanente”;
- “Apoiar a 'Carta da Terra' (Carta da ONU redigida em 1997)”;
- “Levar nossas declarações à ONU apoiando projetos ambientais e denunciando abusos e ações contra a natureza”.

De acordo com dados da própria UISG, nesse grupo trabalharam cento e trinta e quatro superiores gerais de vinte e nove países. (34)

O compromisso ecologista resultou na publicação “A Comunidade da Terra. Em Cristo. Pela Integridade da Criação. Justiça e Paz para Todos”, preparada pelo Grupo de Trabalho de Integridade da Criação da Comissão de Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC), pela União Internacional das Superiores Gerais (UISG) e pela União dos Superiores Gerais (USG) em Roma. (35)

Além disso, acrescentemos que a convocação da próxima Assembléia da União Internacional das Superiores Gerais, em maio de 2010, traz a assinatura da presidente da instituição, Irmã Maureen Cusick, das Irmãs de Nossa Senhora de Sion.

---

(33) Vid. [http://www.dominicasanunciata.org/668/activos/texto/wdomi\\_pdf\\_0949vPimxs61MqZyUgIm.pdf](http://www.dominicasanunciata.org/668/activos/texto/wdomi_pdf_0949vPimxs61MqZyUgIm.pdf); <http://www.clar.org/clar/index.php/modulo=Contenido&type=file&func=get&tid=5&fid=descargal&pid=1>. No anexo II deste livro incluímos a muito sugestiva intervenção no plenário da UISG da religiosa canadense Irmã Donna Geernaert intitulada A terra e seu caráter sagrado, no plenário que se realizou em Roma, entre 6 e 10 de maio de 2007. As três presidentes da UISG eleitas em 2007 foram Amélia Kawaji, Louise Madore FDS, e Maureen Cusick.

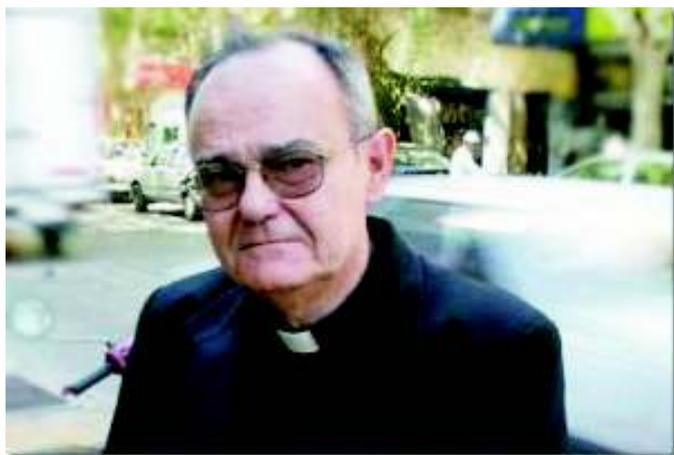
(34) Vid. Boletim da USIG, número 136 ano 2008.

(35) Vid. [http://jpicformation.wikispaces.com/ES\\_creacion](http://jpicformation.wikispaces.com/ES_creacion) - Comisión de JPIC, [jpicusguisg@lasalle.org](mailto:jpicusguisg@lasalle.org), <http://jpicformation.wikispaces.com/file/view/comunidad+tierra.pdf>. Autores: Ms. Margaret Daly-Denton, Centro Teológico da Igreja da Irlanda, Irlanda; Sean Mc Donagh, Colomban, MA Ecology and Religion, Dalgan, Irlanda; Mr. Cláudio Giambelli, CIPAX, Italia; Jacques Haers SJ, Centro de Teologias da Libertação, Lovaina, Bélgica; Markus Heinze OFM; Stanislaw Jaromi OFMconv, Polonia; Daria Koottiyaniyil fcc-IFCTOR, Índia; Chiara Cristina Longinotti OSC; Joyce Murray C.S.J. (Editor); Gearóid Francisco Ó Conaire OFM, Comissão de JPIC, USG/UISG, Roma; Stephanie Szakall, Franciscans International (Desenho gráfico).

A Irmã Cusick é uma das signatárias do documento *In Support of a Global Ethic* [Em defesa de uma Ética Global], assinado em Glasgow em 2001. (36) O documento esclarece, expressamente, que a Ética Global baseia-se na declaração do Parlamento das Religiões do Mundo de 1993. (37) Lembremos que ética global e ética planetária são sinônimos.

Cusick assina a declaração em conjunto com cristãos de diferentes denominações e católicos, entre os quais se incluem Hans Küng (38); Sórora Clare Jardine, Secretária da Comissão da Conferência Episcopal inglesa para o relacionamento entre judeus e católicos; Irmã Isabel Smyth, da Faculty of Education of Glasgow University [Faculdade de Educação da Universidade de Glasgow], fundadora do Scottish Inter Faith Council [Conselho Escocês Interconfessional]; e Josef Boehle, coordenador do UNESCO Chair in Interfaith Studies etc.

A declaração de Glasgow, em apoio à ética global, é assinada ainda por outros líderes religiosos de diversas confissões e seitas, como os Baha'i, Brabma Kumaris, budistas, hindus, jainistas, judeus, sikhs e islâmicos.



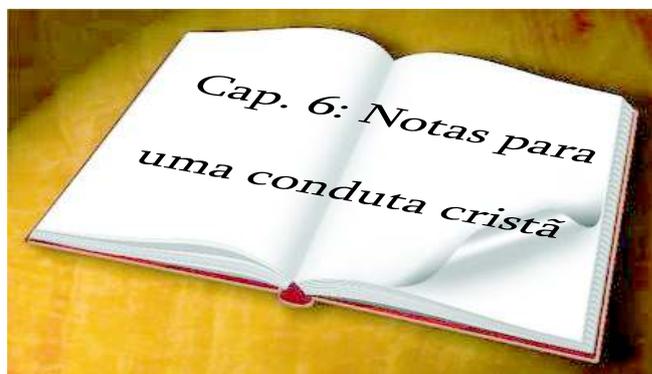
Monsenhor Juan Claudio Sanahuja

(NOTICIAS GLOBALES es un boletín de noticias sobre temas que se relacionan con la PROMOCIÓN Y DEFENSA DE LA VIDA HUMANA Y LA FAMILIA. Editor: Pbro. Dr. Juan Claudio Sanahuja; E-mail: [noticiasglobales@noticiasglobales.org](mailto:noticiasglobales@noticiasglobales.org) ; <http://www.noticiasglobales.org>

(36) "Glasgow, 29 e 30 de outubro de 2001, <http://www.weltethos.org/00-glasgow-konferenz.htm>

(37) Declaração em Favor de uma Ética Global, adotada pelo Parlamento das Religiões do Mundo, 4 de setembro de 1993.

(38) <sup>8</sup>Os claretianos da Catalunha convidaram Hans Küng para tomar parte no ato inaugural da exposição Religiões do mundo, paz universal, ética global. Küng participou na qualidade de presidente da Global Ethic Foundation e estava acompanhado de Fèlix Marti, presidente honorário do Centro UNESCO da Catalunha e Màxim Murtoz, provincial dos Claretianos da Catalunha, cfr. Fórum Libertas, 16-03-09.



## I. O discernimento

Vêm-me à cabeça, resguardada a distância histórica, as palavras de São Pio X quando adverte sobre o "grande movimento de apostasia, organizado em todos os países, para o estabelecimento de uma Igreja universal que não terá nem dogmas, nem hierarquia, nem regra para o espírito ou freio para as paixões e que, sob o pretexto de liberdade e de dignidade humana, consagraria no mundo, se pudesse triunfar, o reino legal da astúcia e da força e opressão dos fracos, dos que sofrem e trabalham".

Ao longo da história, se algo caracteriza as grandes apostasias, é a confusão. Sem dúvida, atravessamos um período de desordem muito pior que o de 1910: a confusão é maior. Os cristãos do século IV, quando a Igreja acordou ariana, também passaram por uma situação semelhante à nossa.

O discernimento é essencial nos dias de hoje para julgar com sentido cristão as realidades temporais, as situações humanas, as correntes de pensamento, as tendências da opinião pública. No entanto, pode-se dizer que nós cristãos perdemos esse espírito crítico saudável e caímos muito facilmente no fascínio do que os outros querem que pensemos e do modo como querem que ajamos. Fascinam-nos com "vidros coloridos" e, talvez, aspiremos a formas de vida e adotemos esquemas de pensamento - por exemplo, sobre a liberdade religiosa, a democracia, o diálogo, o pluralismo, a preocupação ecológica - que, ainda que nos façam aceitáveis em meios sociais de poder econômico e social, nos afastam da verdade e nos aproximam da apostasia.

Sem dúvida, discernir é acima de tudo uma graça que humildemente pedimos a Deus, mas a ajuda de Deus deve ser acompanhada, de nossa parte, pela disposição de obtê-la e aplicá-la às circunstâncias específicas, ainda que isso nos crie dificuldades.

Para o exercício dessa atitude, é necessária uma sólida formação na doutrina católica tradicional, que não é nem mais nem menos que estar ciente da

genealogia da fé, de nossas raízes cristãs, que nos dão a perspectiva de quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Além disso, longe de ser algo secundário, no discernimento católico da realidade é fundamental uma sólida piedade que se alimente do trato assíduo com Jesus Cristo, fonte da autêntica humildade. Uma humildade que, no dizer de Santa Teresa de Jesus, é andar em verdade, andar na verdade de Cristo, que nos leva, em nossa conduta pessoal, a reconhecer o que fazemos bem e o que fazemos mal, consertando o mal, ao mesmo tempo que incentiva a virtude, exorta e corrige o próximo, prestando-lhe, assim, o melhor serviço de caridade cristã.

## II. O Anticristo será pacifista, ecologista e ecumenista

Podem nos ajudar, para discernir as realidades temporais nas quais Deus nos colocou, as considerações do Cardeal Giacomo Biffi nos exercícios espirituais pregados à Cúria Romana no ano de 2007, na presença de Bento XVI, nos quais o Cardeal comentou exaustivamente o romance de Vladimir Soloviev, *Os três diálogos e o relato do Anticristo*. (1)

Na exposição que Biffi chama de “Advertência profética de Soloviev”, o Cardeal parafraseia o autor russo, que diz que o Anticristo, o primeiro presidente eleito dos Estados Unidos da Europa e, em seguida, imperador romano, “era um espiritualista convicto”. Ele acreditava no bem e até em Deus, “mas não amava nada além de si mesmo”. Dava “altíssimas manifestações de moderação, desinteresse e ativa beneficência”. Embora não tivesse “hostilidade de princípios com Cristo”, três coisas de Jesus lhe eram inaceitáveis. “Cristo com o seu moralismo, afirma o Anticristo de Soloviev, dividiu os homens de acordo com o bem e o mal, enquanto que eu irei uni-los com os benefícios que são igualmente necessários aos bons e aos maus”. Também não gostava da “unicidade absoluta de Cristo”. “Ele é um dos muitos - dizia - ou, melhor, ele foi meu precursor, porque o salvador perfeito e definitivo sou eu, que purifiquei sua mensagem daquilo que é inaceitável para os homens de hoje.” Em terceiro lugar, o Anticristo rejeitava a Ressurreição de Cristo: “Ele não está entre os vivos, repetia, e não mais o estará. Não ressuscitou, não ressuscitou! Apodreceu, apodreceu no sepulcro”.

Mas o que é singular e surpreendente, diz o Cardeal Biffi, é que Soloviev atribui ao Anticristo os adjetivos de pacifista, ecologista e ecumenista.

Como pacifista o Anticristo proclama: “Povos da terra! Eu prometi a paz e a dei”, e nesse momento amadurece nele a idéia de sua superioridade sobre o Filho de Deus. Continua o pregador, citando Soloviev: “Cristo veio trazer à terra a verdade acima de tudo, e esta, assim como o bem, antes de tudo, divide. Existe uma boa paz, a paz cristã, baseada na separação que Cristo veio trazer precisamente com a separação entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira; e existe a paz ruim, a paz do mundo, fundada na confusão ou na união exterior do que está interiormente em guerra consigo mesmo”.

A guerra - é dito nos diálogos de Soloviev - é certamente um mal, mas devemos lembrar que tanto na vida das pessoas como na vida das nações, por vezes, há situações em que não se pode responder com conselhos ou boas palavras à violência má. Biffi diz que, segundo Soloviev, enquanto os ideais de paz e fraternidade são valores cristãos indiscutíveis e vinculantes, o pacifismo ou a não violência não são a mesma coisa, pois acabam por se tornarem, muitas vezes, uma capitulação social à prevaricação e um abandono dos pequenos e dos fracos sem defesa, à mercê dos iníquos e prepotentes.

O Cardeal continua, dizendo que o Anticristo será um ecologista, lembrando que este é um termo moderno que o autor russo obviamente não usa, mas sua descrição é bastante clara: “o novo senhor do mundo, diz Soloviev, era acima de tudo um filantropo, cheio de compreensão, não só amigo dos homens, mas também dos animais. Pessoalmente ele era vegetariano, proibiu vivissecção [...], as sociedades protetoras dos animais foram fomentadas de todas as formas”.

O Anticristo, finalmente, se mostrará como perfeito ecumenista, capaz de dialogar com “palavras doces, sabedoria e eloquência”. Convocará todas as religiões cristãs para um concílio ecumênico sob sua presidência. Promoverá a união com a dádiva, buscará o consenso por meio de concessões e dos favores mais apreciados, “demostrando a todos o mesmo amor, a mesma solicitude para satisfazer a verdadeira aspiração de cada um”.

E um ecumenismo, diz o Cardeal Biffi, exterior e quantitativo que vai funcionar quase perfeitamente: as massas de cristãos entrarão em seu jogo. O Cardeal conclui seu resumo da obra de Soloviev: apenas um pequeno grupo de católicos com a liderança do Papa Pedro II, um pequeno número de ortodoxos e alguns protestantes resistirão ao fascínio do Anticristo. Eles chegarão a um ecumenismo da verdade, reunindo-se na única Igreja e reconhecendo o primado de Pedro.

---

(1) Vid. Biffi, Giacomo, *As coisas de cima. Exercícios Espirituais pregados em 2007 na presença de S.S. Bento XVI*, Ágape, Buenos Aires 2008, pp. 63-73.

Mas será um ecumenismo escatológico, que se realize quando a história esteja chegando a seu fim.

O Cardeal pergunta-se então: qual é a advertência profética que chega até nós dessa espécie de parábola do grande filósofo russo?

Chegará o tempo, diz o pregador dos exercícios espirituais do Papa do ano de 2007, quando na cristandade se tenderá a resolver o mistério da salvação em uma série de valores de sucesso fácil nos mercados mundanos. “Devemos nos guardar desse perigo. Mesmo quando um cristianismo que falasse de valores largamente compartilhados nos fizesse infinitamente mais aceitáveis nos salões, nos grupos sociais e políticos, nas transmissões televisivas, não poderíamos nem deveríamos renunciar ao cristianismo de Jesus Cristo, o cristianismo que está centrado no escândalo da cruz e na realidade pungente da ressurreição do Senhor”.

“O Filho de Deus, crucificado e ressuscitado, único Salvador do homem, não pode ser traduzido em uma série de bons projetos e de boas inspirações homologáveis com a mentalidade mundana dominante. E uma pedra, como Ele disse claramente de si - como raramente temos a coragem de repetir. Sobre esta pedra se constrói confiante ou, opondo-se a ela, acaba-se em pedaços. 'E o que cair sobre esta pedra far-se-á em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará esmagado (Mt. 21,44)’”. (2)

Não há dúvida de que o cristianismo é antes de tudo um advento, mas também é indubitável que este advento propõe e defende valores inalienáveis. Não se pode, por amor ao diálogo, dissolver o fato cristão em uma série de valores compartilhados pela maioria; não se podem menosprezar os verdadeiros valores como sendo algo descartável. Um discernimento, afirma o Cardeal, se faz necessário.

Existem valores absolutos, transcendentais - continua - como a verdade, o bem, a beleza. Aqueles que os percebem, os honram e os amam, percebem, honram e amam Jesus Cristo, ainda que não o saibam e até mesmo se vejam como ateus, porque no ser profundo das coisas Cristo é a verdade, a justiça e a beleza.

“Há também outros valores relativos (categoriais) como o culto à solidariedade, o amor pela paz, o respeito pela natureza, a atitude de diálogo, etc. Eles merecem um juízo mais flexível que preserve a reflexão de qualquer ambigüidade. Solidariedade, paz, natureza e diálogo podem se tornar para o não-cristão ocasiões concretas de aproximação inicial e informal com Cristo e seu mistério.

---

(2) Ibid. p. 70.

Mas, se para observá-los tornam-se absolutos até se separar totalmente de sua raiz objetiva, ou, pior ainda, até se contrapor ao anúncio do fato salvífico, tornam-se então incitamento à idolatria e obstáculos no caminho da salvação”.

“Do mesmo modo, no cristão, esses mesmos valores - solidariedade, paz, natureza, diálogo - podem fornecer impulsos valiosos para o aprofundamento de um verdadeiro amor a Jesus Cristo, Senhor do universo e da história. Mas se o cristão, por amor ao diálogo e às boas relações de vizinhança para com todos, quase sem perceber, deixa de lado o fato salvífico na exaltação e realização desses fins secundários, e com isso impede a conexão pessoal com o Filho de Deus crucificado e ressuscitado, vai pouco a pouco consumando o pecado de apostasia até se colocar ao lado do Anticristo”, conclui o Cardeal Biffi. (3)

Creio que estes parágrafos pregados ao Santo Padre, em seus exercícios espirituais de 2007, constituem bons elementos de discernimento diante da atual desordem de idéias e atitudes dentro e fora da Igreja. Fica por nossa conta, com o auxílio da graça de Deus, despojar-nos de critérios mundanos para avaliar de modo cristão a realidade, sabendo que na hora de tomar nossas próprias decisões pessoais, sobretudo aquelas que comprometem a fidelidade às exigências de Jesus Cristo, o critério mundano nos levará a optar pelo que não nos traga complicações, o que agrada os outros, o que é tido pelo mundo como politicamente correto. Será sempre covardia - e às vezes apostasia - nas decisões de consciência preferir a boa fama, ou a segurança do trabalho estável, ou o ganho político (4), ao invés de dar o testemunho de Cristo.

“Converter-se significa, dizia o Cardeal Ratzinger, não viver como todos, não fazer como fazem todos, não se justificar em ações duvidosas, ambíguas, más, pelo fato de que outros fazem o mesmo; começar a ver a própria vida com os olhos de Deus; buscar, portanto, o bem, ainda quando seja incômodo; não fazê-lo pensando no julgamento da maioria, dos homens, mas no juízo de Deus. Por outras palavras: buscar um novo estilo de vida, uma vida nova” (5), que necessariamente repercutirá nas estruturas temporais.

---

(3) Ibid. pp. 71 e 72.

(4) Spaemann, R., La perversa teoria dei firt bueno em <http://www.noticiasglobales.org/articulos.asp>

(5) Cfr. Ratzinger, J., A Nova Evangelização. A grande tentação: buscar o grande êxito, 12-12-00.

### III. Valorização e defesa da ordem natural

João Paulo II, na ocasião do 5º aniversário da encíclica *Evangelium vitae*, dirigiu-se à Pontifícia Academia para a Vida em 14 de fevereiro de 2000, (6) determinando um plano de ação.

O Santo Padre advertia que os conteúdos da encíclica, que estão enraizados na doutrina de Jesus Cristo, mantêm sua imutável validade, ainda que não sejam ignoradas - assim afirma - as persistentes dificuldades, frutos dos graves sintomas de violência e decadência observados no mundo. Quase dez anos depois desta intervenção de João Paulo II, os ultrajes à família e à vida humana pioraram, mas também devemos reconhecer que em meio a uma grande confusão aumentou a consciência e cresceu a resistência à cultura da morte. No entanto, observamos que ainda está longe de se realizar o que o Romano Pontífice indicou, quando na mesma oportunidade insistiu em que “uma autêntica pastoral da vida não pode ser simplesmente delegada a movimentos específicos, embora sempre meritórios, que atuam no campo socio-político. Ela deve sempre permanecer como parte integrante da pastoral eclesial, à qual compete a tarefa de anunciar o 'Evangelho da vida'”.

João Paulo II continuou insistindo em que os conteúdos da encíclica podem ser apresentados, não apenas “como verdadeira e autêntica indicação para o renascimento moral, mas também como ponto de referência para a salvação civil”. Observemos que a expressão “salvação civil” se refere evidentemente à sociedade secular, da qual a Igreja apenas exige uma legislação de acordo com a ordem natural; a única coisa que a Igreja pode e deve exigir da sociedade civil é um ordenamento jurídico que defenda “os valores radicados na própria natureza do ser humano” (7), isto é, que tutele a ordem natural. A lei natural é anterior a qualquer crença religiosa; tanto o crente como o ateu estão obrigados a não matar e a respeitar a natureza da união de um homem com uma mulher chamada matrimônio; do contrário, qualquer sociedade humana - cristã ou não - sofrerá uma terrível e inevitável derrota ética.

A Nota Doutrinai da Congregação para a Doutrina da Fé do ano de 2002 reafirmou: “Não se trata em si de 'valores confessionais', pois tais exigências éticas estão radicadas no ser humano e pertencem à lei moral natural. Estas não requerem daqueles que as defendem uma profissão de fé cristã, embora a doutrina da Igreja

(6) Cfr. João Paulo II, Discurso perane a Academia Pontificia para a Vida, na ocasião do V Aniversário da publicação da encíclica *Evangelium Vitae*, 14-02-00

(7) Cfr. João Paulo II, *Novo Millennio ineunte*, 6 de janeiro de 2001, n° 51.

as confirme e tutele sempre e em todo lugar, como serviço desinteressado à verdade sobre o homem e o bem comum da sociedade civil. Além disso, não há como negar que a política deve também referir-se aos princípios de valor absoluto justamente porque estão a serviço da dignidade da pessoa e do verdadeiro progresso humano”. (8)

### IV. Laicidade e princípios não negociáveis

Os princípios não negociáveis enunciados por Bento XVI representam um novo modo de insistir na mesma coisa: na lei natural, na ordem natural (9). Estes princípios são um verdadeiro código de interpretação da realidade em que Deus nos colocou e é um guia claro para concentrar nossos esforços.

O ateísmo militante da nova ordem insistirá uma e outra vez que os princípios não negociáveis, síntese da lei natural, são princípios confessionais e levantará a bandeira da laicidade e do Estado laico para impor o aborto, a contracepção, a manipulação genética ou experimentação com embriões e a aceitação da homossexualidade.

Por isso, a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé recorda:

o apelo que muitas vezes se faz à “laicidade” que deveria guiar a ação dos católicos exige um

(8) Cfr. Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinai, cit., n. 5

(9) “São freqüentíssimos os chamados de Bento XVI para se redescobrir a lei natural - universal e imutável -, que às vezes sintetiza nos chamados princípios não negociáveis. Diz, por exemplo, o Santo Padre: “para guiar a globalização é necessária uma forte solidariedade global, tanto entre países ricos e países pobres, como dentro de cada país, ainda que seja rico. É necessário um 'código ético comum', cujas normas não sejam apenas fruto de acordo, mas que estejam arraigadas na lei natural inscrita pelo Criador na consciência de todo ser humano (cf. Rom. 2,14-15)”, cfr. Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2009,01-01-09. A mesma doutrina a expôs o Santo Padre na Encíclica *Caritas in veritate*: “Esta lei moral universal é um fundamento firme de todo o diálogo cultural, religioso e político e permite que o multiforme pluralismo das várias culturas não se desvie da busca comum da verdade, do bem e de Deus. Por isso, a adesão a esta lei escrita nos corações é o pressuposto de qualquer colaboração social construtiva. Em todas as culturas existem pesos de que se libertar, sombras a que subtrair-se. A fé cristã, que se encarna nas culturas transcendendo-as, pode ajudá-las a crescer na fraternização e solidariedade universais com benefício para o desenvolvimento comunitário e mundial”, cfr. n. 59. Além disso, vid. por exemplo, Discurso à Comissão Teológica Internacional., 05-10-07 e 05-12-08; à Pontifícia Academia para a Vida, 24-02-07; na Pontifícia Universidad Lateranense, 12-02-07; Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2008,01-01-08. Ver também Noticias Globales (NG) n° 945, Benedicto XVI: los objetivos dei milênio para el desarrollo, 12-12-08 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

esclarecimento, não apenas de terminologia. A promoção, segundo a consciência, do bem comum da sociedade política nada tem a ver com o “confessionalismo” ou a intolerância religiosa. Para a doutrina moral católica, a laicidade entendida como autonomia da esfera civil e política da religiosa e eclesial - mas não da moral - é um valor adquirido e reconhecido pela Igreja, e faz parte do patrimônio de civilização já alcançado.

Não é intromissão na autonomia legítima do estado que a Igreja defenda o direito-dever dos cidadãos católicos, aliás como de todos os demais cidadãos, de procurar sinceramente a verdade e promover e defender com meios lícitos as verdades morais relativas à vida social, à justiça, à liberdade, ao respeito da vida e dos outros direitos da pessoa. O fato de algumas destas verdades serem também ensinadas pela Igreja não diminui a legitimidade civil e a “laicidade” do empenho dos que com elas se identificam, independentemente do papel que a busca racional e a confirmação ditada pela fé tenham tido no seu reconhecimento por parte de cada cidadão. A “laicidade”, de fato, significa, em primeiro lugar, a atitude de quem respeita as verdades resultantes do conhecimento natural que se tem do homem que vive em sociedade, mesmo que essas verdades sejam contemporaneamente ensinadas por uma religião específica, pois a verdade é uma só. Seria um erro confundir a justa autonomia, que os católicos devem assumir em política, com a reivindicação de um princípio que prescinde do ensinamento moral e social da Igreja.

A Nota insiste em que:

Intervindo nesta matéria, o Magistério da Igreja não pretende exercer um poder político nem eliminar a liberdade de opinião dos católicos em questões contingentes. Busca, ao contrário - como é sua função própria -, instruir e iluminar a consciência dos fiéis, sobretudo dos que se dedicam a uma participação na vida política, para que o seu operar esteja sempre ao serviço da promoção integral da pessoa e do bem comum. O ensinamento social da Igreja não é uma intromissão no governo de cada País. Não há dúvida, porém, de que transmite um dever moral de coerência aos fiéis leigos, no interior da sua consciência, que é única e unitária. “Não pode haver, na sua vida, dois caminhos paralelos: de um lado, a chamada vida 'espiritual', com os seus valores e exigências, e, do outro, a chamada vida 'secular', ou seja, a vida de família, de trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. O ramo, enxertado na videira, que é Cristo, leva a sua linfa a todo o setor da atividade e da

existência. Pois todos os variados campos da vida laical fazem parte do plano de Deus, que quer que eles sejam como que o 'lugar histórico' onde se revela e se realiza o amor de Jesus Cristo para glória do Pai e serviço aos irmãos. Qualquer atividade, qualquer situação, qualquer empenho concreto - como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação à família e à educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade no âmbito da cultura - são ocasiões providenciais para um 'constante exercício da fé, da esperança e da caridade’”. Viver e agir politicamente em conformidade com a própria consciência não significa acomodar-se passivamente em posições estranhas ao empenho político ou numa espécie de confessionalismo; é, ao contrário, a expressão com que os cristãos dão o seu coerente contributo para que, através da política, se instaure um ordenamento social mais justo e coerente com a dignidade da pessoa humana. (10)

Resumindo a Nota Doutrinai sobre algumas questões relativas ao compromisso e à conduta dos católicos na vida política, podemos elencar:

1. A política deve fazer referência aos princípios dotados de valor absoluto exatamente porque estão a serviço da dignidade da pessoa e do verdadeiro progresso humano.
2. O respeito à vida humana desde a concepção até a morte natural, a essência do matrimônio como união de um homem com uma mulher e o respeito aos direitos e deveres dos pais na educação de seus filhos fazem parte essencial do bem comum da sociedade, que os cristãos e todas as pessoas de boa vontade devem promover de muitas maneiras e também com seu voto.
3. A promoção consciente do bem comum da sociedade não tem nada a ver com a confessionalidade dos estados ou da intolerância religiosa.
4. A laicidade deve ser entendida como autonomia da esfera civil e política da esfera religiosa e eclesial, nunca como autonomia da esfera moral.

---

(10) Cfr. Congregação para a doutrina da Fé, Nota doutrinai, cit., n. 6

5. O fato de que algumas destas verdades de ordem natural também sejam ensinadas pela Igreja em nada diminui a legitimidade civil e a “laicidade” do compromisso daqueles que com elas se identificam.
6. O ensinamento social da Igreja não é uma interferência no governo dos diversos países. Propõe, certamente, à consciência única e unitária dos fiéis católicos um dever moral de coerência.
7. Viver e agir politicamente de acordo com a própria consciência não é acomodar-se a um compromisso político ou uma forma de confessionalidade, mas a expressão da contribuição dos cristãos para que, através da política, seja instaurado um ordenamento social mais justo e coerente com a dignidade da pessoa humana.
8. Portanto, os cidadãos católicos e todos aqueles que reconhecem a ordem natural não podem, em consciência, eleger cegamente representantes que concorrem a cargos públicos sem saber o que pensam e qual é a sua atuação em relação aos princípios não negociáveis: o respeito à vida desde a concepção até a morte natural; o casamento como uma união entre um homem e uma mulher; os direitos e deveres dos pais de educar seus filhos segundo suas convicções, ou seja, o respeito ao pátrio-poder; e também questões relativas à saúde, como a experimentação com embriões humanos. É dever desses cidadãos se mobilizar para estabelecer a agenda de respeito à vida e à família nas eleições para todos os tipos de autoridades.
9. A Igreja, ao iluminar essas questões, presta um eminente serviço, cumprindo o mandamento da caridade. Vela pela salvação das almas dos políticos, que não podem cooperar com o mal - ser cúmplices da iniquidade - apoiando projetos que violem a ordem natural; e vela também pela salvação das almas dos cidadãos, que não podem endossar com seu voto políticos que promovem leis contrárias à lei natural.
10. Finalmente, no debate social, nunca devemos argumentar a priori a partir da fé. Estamos obrigados a fazer o esforço gnosiológico pessoal para explicar com valentia, sem complexos, que existe uma lei universal e imutável inscrita por Deus na criação e no coração de cada ser humano.

Não faltarão acusações de que a hierarquia da Igreja se mete em política quando lembra estes princípios

elementares e age com coerência. Creio serem muito adequadas para este caso algumas palavras do espanhol Juan Manuel de Prada, na ocasião da II convocatória no Dia da Sagrada Família no ano de 2008, em que um milhão de católicos saiu às ruas em Madrid e demonstrou claramente sua oposição às leis iníquas que afetam o matrimônio e a família:

Os propagandistas da mentira afirmaram que os bispos se metiam em política ao organizar uma missa na Praça de Colón, coincidindo com a festividade da Sagrada Família. Mas celebrar missa e propagar o Evangelho é a missão primordial da Igreja de Cristo; o dia em que os bispos estiverem dispostos a renunciar a essa missão se poderia, por fim, dizer com propriedade que 'se metem em política'. A missão que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política, mas compreende princípios de ordem moral que surgem da própria natureza humana. E o que existe de mais naturalmente humano que a instituição familiar? (11)

## V. O dever de se opor

João Paulo II continua dizendo em seu discurso de fevereiro de 2000: “Portanto, não tem razão de ser aquela espécie de mentalidade renunciatória que leva a considerar que as leis contrárias ao direito à vida - as leis que legalizam o aborto, a eutanásia, a esterilização e a planificação dos nascimentos com métodos contrários à vida e à dignidade do matrimônio - apresentam uma irresistibilidade e já são como que uma necessidade social. Ao contrário, elas constituem um germe de corrupção da sociedade e dos seus fundamentos”.

Gostaria de fazer duas reflexões sobre esse parágrafo: a primeira delas é que, como também disse João Paulo II, nós cristãos não podemos ficar à margem da história. (12) “O Concílio Vaticano II realçou com vigor este vínculo íntimo e profundo: 'a missão da Igreja é não só levar a mensagem e a graça de Cristo a todos os homens, mas também impregnar e aperfeiçoar com o espírito evangélico a ordem temporal’ (Apostolicam actuositatem, 5). A ordem espiritual e a temporal, embora distintas, estão de tal maneira unidas no único desígnio de Deus, que Ele próprio deseja reintegrar, em Cristo, todo o mundo numa nova criatura, que começa na terra e atinge a plenitude no último dia' (ibid.)”.

(11) de Prada, Juan Manuel, ABC, 29-12-08

(12) Cfr. João Paulo II, Audiência Geral, 31-01-01.

O trabalho de penetrar e aperfeiçoar toda a ordem temporal com espírito cristão é mais urgente e comprometido, sem levar em conta o sucesso ou o fracasso, deixando o resultado nas mãos de Deus. Nessa luta reside nosso testemunho.

Em segundo lugar, note-se que João Paulo II afirma que as leis iníquas - o aborto, a eutanásia, a esterilização - são gérmen de corrupção da sociedade e de seus fundamentos. Por isso, a preocupação social, acima de tudo, será a de abolir ou pelo menos limitar o dano provocado por essas leis. Um compromisso que se dedica exclusivamente a promover o bem-estar ou elevar os padrões de vida dos mais necessitados, ou a resolver outras urgências econômicas e sociais, é incompleto e superficial. Em muitos casos, tão materialista quanto o marxismo ou o capitalismo.

Seria desvirtuar a doutrina social da Igreja ignorar que a promoção e a defesa da vida e da família constituem parte fundamental de seus conteúdos e concretamente do bem comum. Bento XVI ensina que existe um vínculo indissolúvel entre a ética da vida e todos os outros aspectos da ética social. “A Igreja insiste sobre o vínculo indissolúvel entre a ética da vida e todos os demais aspectos da ética social, pois está persuadida de que [...] 'não pode ter sólidas bases uma sociedade que afirma valores como a dignidade da pessoa, a justiça e a paz, mas contradiz-se radicalmente aceitando e tolerando as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana, sobretudo se débil e marginalizada'”.(13)

A defesa da vida humana desde a concepção até a morte natural é parte da agenda da caridade, e não devemos temer que essa radicalidade evangélica possa tornar a ação dos cristãos e da hierarquia da Igreja impopular (14). Ainda que seja preciso uma heroicidade inesperada: “É precisamente da obediência a Deus - o único a Quem se deve aquele temor que significa reconhecimento da sua soberania absoluta - que nascem a força e a coragem de resistir às leis injustas dos homens. E a força e a coragem de quem está disposto até mesmo a ir para a prisão ou a ser morto à espada, na certeza de que nisto 'está a paciência e a fé dos Santos' (Ap. 13,10)”. (15)

---

(13) Cfr. Bento XVI, Discurso ao embaixador dos Estados Unidos, 02-10-09; Enc. Caritas in veritate, 29 de junho de 2009, n. 15; João Paulo II, Enc. Evangelium vitae, 25 de março 1995, n. 23.

(14) Cfr. João Paulo II, Novo Millenio ineunte, cit. n. 51. Vid. Mensagem para a Jornada Mundial da Faz 2001, Diálogo entre as Culturas para uma Civilização do Amor e da Paz, 08-12-00

(15) Cfr. João Paulo II, Enc. Evangelium vitae, cit., n. 73 e vid. n. 74.

## VI. A falsa inevitabilidade

Por último, ainda que sem esgotar a intervenção de João Paulo II de fevereiro de 2000, quero ressaltar que ao referir-se à mentalidade renunciatória diante das leis iníquas o Santo Padre afirma: “A consciência civil e moral não pode aceitar esta falsa inevitabilidade, do mesmo modo que não aceita a idéia da inevitabilidade das guerras ou dos extermínios inter-étnicos”.

A pressão social, o medo de sermos qualificados de fundamentalistas e um sincero, ainda que equivocado, espírito de salvar o que pode ser salvo frente à avalanche de projetos, leis e costumes iníquos, podem fazer-nos cair na tentação de negociar o que é inegociável e, portanto, ceder quanto ao que não nos pertence - a ordem natural e a doutrina de Jesus Cristo. Essa atitude nos fará cair na opção do mal menor, num malminorismo moralmente inadmissível.

Que sirva para ilustrar o exemplo do Servo de Deus Jérôme Lejeune. Aos 33 anos, em 1959, Lejeune publicou sua descoberta sobre a causa da síndrome de Down, a “trissomia do 21”, e isto o transformou em um dos pais da genética moderna. Em 1962 foi designado como especialista em genética humana na Organização Mundial da Saúde (OMS) e, em 1964, foi nomeado Diretor do Centro Nacional de Investigações Científicas da França; no mesmo ano, é criada para ele, na Faculdade de Medicina da Sorbonne, a primeira cátedra de Genética fundamental. Transforma-se assim em candidato número um ao Prêmio Nobel de Medicina.

Aplaudido e lisonjeado pelos grandes do mundo, deixa de sê-lo em 1970, quando se opõe ferozmente ao projeto de lei do aborto eugênico. Lejeune combateu o malminorismo que infectou os católicos na França; estes supunham que cedendo no aborto eugênico freavam as pretensões abortistas e evitavam uma legislação mais permissiva. Os argumentos de Lejeune eram muito claros: não podemos ser cúmplices, o aborto é sempre um assassinato, quem está doente não merece a morte por isso e mais ainda, longe de frear males maiores o aborto eugênico abre as portas para a liberalização total desse crime. Sua postura lhe rendeu uma real perseguição eclesial que se juntou à perseguição civil, acentuada por sua defesa do nascituro nas Nações Unidas.

Também em 1970, participou de uma reunião na OMS, na qual se tentava justificar a legalização do aborto para evitar abortos clandestinos. Foi nesse momento, quando se referindo à Organização Mundial de Saúde, que disse: “eis aqui uma instituição de saúde que se tornou uma instituição para a morte”.

Nessa mesma tarde, ele escreveu para sua esposa e filha dizendo: “Hoje eu joguei fora o Prêmio Nobel”. Em nenhum momento deu ouvidos aos prudentes, que o aconselhavam calar-se para chegar mais alto e assim mais poder influir.

João Paulo II, em uma carta ao Cardeal JeanMarie Lustinger, então arcebispo de Paris, por ocasião da morte de Lejeune, disse:

“Como cientista e biólogo era um apaixonado pela vida. Ele se tornou o maior defensor da vida, especialmente a vida dos nascituros, tão ameaçada na sociedade contemporânea, de modo que se pode pensar que seja uma ameaça programada. Lejeune assumiu plenamente a particular responsabilidade do cientista, disposto a ser um sinal de contradição, ignorando a pressão da sociedade permissiva e do ostracismo do qual era vítima”. (16)

---

(16) Vid. Angelini, Cardinal Fiorenzo, *La figura morale e spirituale dei Prof. Jérôme Lejeune*, Pontificia Academia para a Vida, 11-02-2004.



Terminava de escrever estas páginas quando chegaram notícias do veredito do Tribunal Europeu de Direitos Humanos - Tribunal de Estrasburgo -, que em sua sentença contra o Estado italiano considerava o seguinte: “a presença de crucifixo nas salas de aula escolares constitui uma violação dos direitos dos pais de educar seus filhos segundo suas convicções e viola a liberdade religiosa dos alunos”. Além disso, o tribunal afirmava: “a Corte não pode entender como a exposição, nas salas de aula dos colégios públicos, de um símbolo que pode ser razoavelmente associado ao catolicismo pode servir ao pluralismo educativo, essencial para a conservação de uma sociedade democrática, tal como a Convenção Européia de Direitos Humanos a concebe, um pluralismo que o Tribunal Constitucional italiano reconhece”. Infelizmente, François Tulkens, presidente do Tribunal de Estrasburgo, é professora da Universidade Católica de Lovaina.

A propósito da sentença, um dos vice-presidentes

do Parlamento Europeu, Mario Mauro (1), afirmava em seis de novembro de 2009:

“Parece-me fundamental ressaltar que a Corte de direitos humanos não é um organismo da União Européia. De fato, no grupo de sete juízes que emitiram a sentença estavam presentes também um juiz turco e outro sérvio. Nos jornais e telejornais aparecem manchetes enganosas que responsabilizam a Europa por 'rejeitar o crucifixo nas salas de aula’”.

Esta sentença é fruto do trabalho de uma Corte que, sob o auspício do Conselho da Europa, pretende alterar o sentido próprio do projeto europeu. A decisão da Corte de Estrasburgo constitui um exemplo clássico de imposição laicista com o intuito de isolar a religião, especialmente a cristã, em um gueto. As motivações da sentença se enquadram nesta perspectiva, afirmando que a exposição de qualquer símbolo religioso viola o direito de escolha dos pais sobre como educar seus filhos, assim como o direito dos menores de serem ou não, e que fere, além disso, o 'pluralismo educativo'.

Anteriormente, os tribunais italianos tinham sentenciado que o crucifixo representa um elemento de coesão em uma sociedade que não pode prescindir de sua tradição cristã. “A sentença desconhece o papel da religião, sobretudo a cristã, na construção do espaço público, e promove uma indiferenciação religiosa que se contradiz profundamente com a história, a cultura e o direito do povo italiano”, concluiu Mauro.

Mas, além do que disse Mario Mauro, devemos considerar a intervenção do bispo de San Marino.

Dom Luigi Negri, bispo de San Marino Montefeltro, qualificou a sentença como “objetivamente um gesto de rejeição ao Crucificado”, afirmando o que muitos de nós pensamos: que o excesso de irenismo e de aberturismo do mundo católico tem como resultado, por parte do laicismo radical e anti-cristão, o desprezo.

O Bispo Negri, exortando sua diocese ao desagravo, disse:

“ A decisão tomada pela corte de Direitos Humanos de Estrasburgo era largamente previsível e, em certos aspectos, esperada. Nestas instituições está se catalisando de forma substancial o pior laicismo, com uma conotação objetivamente anti-católica e que tende a eliminar, até com violência, a presença cristã da vida em sociedade e, além disso, os

---

(1) Vid. Sanahuja, J. C., *El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética internacional*, cit., p. 241

símbolos desta presença. Outros já apontaram, sobretudo a Conferência Episcopal Italiana, a mesquinhez cultural desta decisão, a miopia, como disse a Santa Sé, mas eu creio que é correto dizer que se trata de uma vontade subversiva em relação à presença cristã, conduzida com uma ferocidade só comparável à aparente objetividade ou neutralidade das instituições do direito. No entanto, é também correto - como faziam nossos antepassados, e nós amiúde esquecemos esta lição - que nos perguntemos se nós, como povo cristão - e, quisera dizer, como eclesiásticos -, não temos alguma responsabilidade para com esta situação. É sempre correto fazer uma leitura em profundidade sobre se não corremos o risco, de algum modo, de ser cúmplices. A questão de Estrasburgo, em sua brutalidade, é também uma consequência da abordagem demasiado conciliadora que atravessa o mundo católico há décadas, pelo que a principal preocupação não é a nossa identidade, mas o diálogo a todo o custo, a concordar com as posições mais distantes. Este respeito pela diversidade de posições culturais e religiosas, apoiada na idéia de uma equivalência substancial entre as várias posições e religiões, é que faz o catolicismo perder sua especificidade absoluta. Um irenismo, um aberturismo, uma disposição de diálogo a todo custo, que é recompensada da única maneira que o poder humano sempre recompensa estas atitudes desordenadas de compromisso: com desprezo e violência.

É necessário renovar a consciência da própria identidade, da própria especificidade como acontecimento humano e cristão diante de qualquer outra posição, e nos prepararmos para viver o diálogo com todas as outras posições, não sobre a base de uma desmobilização da própria identidade, mas como expressão última, crítica, intensa, de nossa identidade. Em última análise, será prova significativa, uma prova que pode ser formativa, uma prova pela qual - como muitas vezes nos lembra a tradição dos grandes Padres da Igreja - Deus continua educando seu povo. Mas é necessário que o juízo seja claro e não se detenha em reações emocionais, para que se compreenda com profundidade a tarefa que temos diante de nós: recuperar nossa identidade eclesial e comprometer-nos com o testemunho diante do mundo. (2) ”

Deus espera de nós um testemunho de fé íntegra e não um dialoguismo que, da perda da identidade católica, se transforme facilmente em apostasia.

Para alguns, o panorama destas páginas parecerá desesperançado, pessimista ou negativo; a eles recordemos que a esperança é a virtude “pela qual aspiramos ao reino dos céus e à vida eterna como felicidade nossa, pondo nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não nas nossas forças, mas nos auxílios da graça do Espírito Santo”.(3)

Cultivemos a segurança da esperança sobrenatural, pois somos filhos de Deus: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Rom 8,16-17). Cristo venceu a morte e o pecado, e com essa segurança temos a razão de nossa esperança.

João Paulo II nos ensinou que é o “Espírito Santo 'Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo [...] que acontecerá no fim dos tempos'. Nesta perspectiva escatológica os crentes são chamados [...] a redescobrir a virtude teologal da esperança, que, 'por um lado, impele o cristão a não perder de vista a meta final que dá sentido e valor à sua existência inteira e, por outro, oferece-lhe motivações sólidas e profundas para o empenhamento cotidiano na transformação da realidade a fim de a tornar conforme o projeto de Deus'”.(4)

No esforço pela transformação cristã da realidade, Deus não nos pede vitórias humanas, pede luta. “O cristianismo não é o caminho de conforto, ao contrário, é uma escalada exigente, mas iluminada pela luz de Cristo e pela grande esperança que nasce d'Ele. Somente assim, experimentando o sofrimento, conhecemos a vida em profundidade, em sua beleza, na grande esperança suscitada por Cristo Crucificado e Ressuscitado”.(5)

João Paulo II nos adverte que, nas atuais circunstâncias, ao dom da esperança “devemos prestar atenção especial, sobretudo no nosso tempo, em que muitos homens, e não poucos cristãos, estão divididos entre a ilusão e o mito de uma infinita capacidade de

---

(3) Cfr. Catecismo da Igreja católica, n. 1817.

(4) Cfr. João Paulo II, Audiências Gerais, 03-07-91 e 11-11-98

(5) Cfr. Bento XVI, Audiência geral, 05-11-08

---

(2) Vid. Noticias Globales (NG) n° 1006, Una sentencia contra Jesucristo, 08-11-09 em [www.noticiasglobales.org](http://www.noticiasglobales.org)

auto-redenção e de realização de si mesmos e a tentação - do pessimismo - de sofrer freqüentes decepções e derrotas”.

Nossa esperança, esperança teologal, é baseada na vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, na Ressurreição do Senhor (6). Nós não esperamos o advento de um mundo melhor, nem sequer aquele que poderíamos ter a ilusão de conseguir, como resultado de nossos esforços para expandir a semente do Evangelho. Nós não estamos isentos de cair no otimismo ideológico especialmente se buscamos o êxito, a realização de nossos próprios planos e desejos, ou o aumento do poder e a extensão de nossas instituições. Em suma, o que nós imaginamos como triunfo de Cristo.

O Cardeal Ratzinger assinala o perigo do otimismo ideológico (7), paródia da fé e da esperança, cujas origens ideológicas podem ser encontradas tanto no liberalismo como no marxismo:

Na primeira metade dos anos setenta, um amigo de nosso grupo fez uma viagem à Holanda. Ali a Igreja sempre estava dando o que falar, vista por alguns como a imagem e a esperança de uma Igreja melhor para o amanhã e, por outros, como um sintoma de decadência, conseqüência lógica da atitude assumida. Com certa curiosidade esperávamos o relato que nosso amigo faria em sua volta. Como era um homem leal e observador preciso, falou-nos de todos os fenômenos da decomposição, dos quais já tínhamos ouvido algo; seminários vazios, ordens religiosas sem vocações, sacerdotes e religiosas que em grupo dão as costas à sua própria vocação, desaparecimento da confissão, queda dramática na freqüência da prática dominical, etc., etc. Obviamente nos descreveu também as experiências e novidades, que não podiam, a bem da verdade, mudar nenhum dos sinais de decadência; aliás, reafirmavam-nos. A verdadeira surpresa do relato foi, no entanto, a avaliação final: apesar de tudo, era uma grande Igreja, porque em nenhuma parte se observava o pessimismo. O fenômeno do otimismo geral fazia com que toda a decadência e toda destruição fossem esquecidas; ele bastava para compensar todas as coisas negativas.

Eu fiz minhas reflexões particulares em silêncio. O que dizer de um homem de negócios que sempre faz anotações em vermelho, e que, ao

invés de reconhecer suas perdas, de buscar as razões e se opor com valentia, se apresentasse diante de seus credores somente com o otimismo? O que se deveria pensar da exaltação de um otimismo simplesmente contrário à realidade? Tentei chegar ao fundo da questão e examinei várias hipóteses. O otimismo poderia ser simplesmente um anteparo atrás do qual se escondesse exatamente o desespero, tentando superá-lo dessa forma. Mas poderia ser algo pior, uma vez que esse otimismo metódico era produzido por aqueles que desejavam a destruição da antiga Igreja e, sob o pretexto de reforma, queriam construir uma igreja totalmente diferente, ao seu modo, mas não podiam começá-la para que suas intenções não fossem rapidamente descobertas. Assim, o otimismo público era uma espécie de tranqüilizante para os fiéis, a fim de criar o clima adequado para desfazer, possivelmente em paz, a própria Igreja, e conquistar assim o domínio sobre ela. O fenômeno do otimismo tinha portanto duas caras: por um lado supunha a felicidade da confiança, ou melhor, a cegueira dos fiéis, que se deixam acalmar com belas palavras; e por outro lado, existiria uma estratégia consciente para uma mudança na Igreja, em que nenhuma outra vontade superior - vontade de Deus - nos incomodasse, perturbando nossas consciências, e nossa própria vontade teria a última palavra. O otimismo seria finalmente a forma de libertar-se da pretensão, já amarga pretensão, do Deus vivo sobre nossas vidas. Esse otimismo do orgulho, da apostasia, tinha se servido do otimismo ingênuo, mais ainda, o havia alimentado, como se este otimismo fosse apenas a esperança certa do cristão, a divina virtude da esperança quando, na realidade, era uma paródia da fé e da esperança.

Refleti igualmente sobre outra hipótese. Era possível que um otimismo semelhante fosse simplesmente uma variante da perene fé liberal no progresso: o substituto burguês da esperança perdida da fé. Cheguei mesmo a concluir que todos estes componentes trabalhavam conjuntamente, sem que se pudesse facilmente decidir qual deles, quando e onde, predominava sobre os outros [...]

Meu trabalho me levou a ocupar-me das idéias de Ernst Bloch [...] Para Bloch o otimismo é a forma e a expressão da fé na história, e, portanto, é necessário para uma pessoa que queira servir à libertação, para a evocação revolucionária do homem novo.

Enquanto lia Bloch, pensava que o otimismo é a virtude teológica de um novo Deus e de uma nova religião, a virtude da história divinizada, de uma história de Deus,

(6) Vid. Bento XVI, Audiência geral, 26-03-08

(7) Vid. Ratzinger, J., *Mirar a Cristo*, EDICEP, Valencia 2005, pp. 45-55

do grande Deus das ideologias modernas e de suas promessas [...] Na nova religião o pessimismo é o pecado de todos os pecados, e a dúvida diante do otimismo, diante do progresso e da utopia, é um assalto frontal ao espírito da idade moderna, é o ataque a seu credo fundamental, sobre o qual se baseia sua segurança que, por outro lado, está continuamente ameaçada pela debilidade daquela divindade ilusória que é a história.

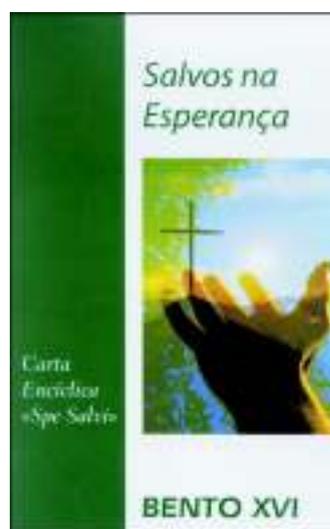
Tudo isso de novo me veio à mente, quando surgiu o debate sobre meu livro *Rapporto sulla fedde*, publicado em 1985. O grito de oposição que se levantou contra esse livro sem pretensões culminou em uma acusação: é um livro pessimista. Em algum lugar tentou-se até proibir a venda, porque uma heresia desse calibre simplesmente não podia ser tolerada. Os detentores do poder de opinião puseram o livro no index. A nova inquisição mostrou sua força. Mais uma vez foi demonstrado que não existe pior pecado contra o espírito da época que transformar-se em rei de uma falta de otimismo. A questão não era: é verdade ou não o que afirma? Os diagnósticos são justos ou não? Pude constatar que ninguém se preocupava em formular tais questões fora de moda. O critério era muito simples: ou existe otimismo ou não, e diante desse critério meu livro era, sem dúvida, uma frustração [...]

Por que digo tudo isso? Creio que é possível compreender a verdadeira essência da esperança cristã e revivê-la, se encararmos as imitações deformadoras que se insinuam por todos os lados. A grandeza e a razão da esperança cristã vêm à luz apenas quando nos livramos do falso esplendor de suas imitações profanas.

Bento XVI nos oferece o exemplo de São Paulo: “Não procurou uma harmonia superficial. Na primeira das suas Cartas, a que escreveu aos Tessalonicenses, ele diz de si mesmo: 'No meio de grandes obstáculos... fomos anunciar-vos o Evangelho de Deus no meio de muitas lutas... Com efeito, nunca usei de adulação, como sabeis' (1 Ts 2, 2.5). A verdade era para ele demasiado grande para estar disposto a sacrificá-la em vista de um sucesso externo. Para ele, a verdade que tinha experimentado no encontro com o Ressuscitado merecia bem a luta, a perseguição, o sofrimento. Mas o que o motivava no mais profundo do seu ser era ser amado por Jesus Cristo e o desejo de transmitir aos outros este amor. Paulo era uma pessoa capaz de amar, e todo o seu agir e sofrer só se explica a partir deste centro.” (8)

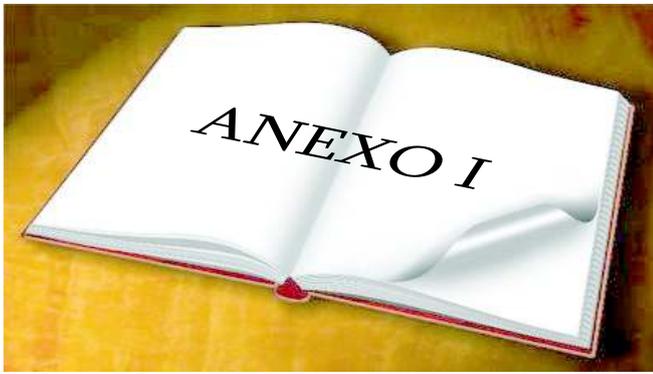
Ainda assim, servir a Deus com luta, perseguição e sofrimento não é uma tarefa que nossa natureza humana ignore. Servimos à verdade sendo homens e mulheres, com suas necessidades físicas e afetivas, com suas debilidades e fortalezas, com seus gostos e desgostos, suas inclinações e aversões.

Com a graça de Deus, ganharemos em profundidade interior se considerarmos com frequência o seguinte texto da encíclica *Spe Salvi*: “Certamente, nos nossos inúmeros sofrimentos e provas sempre temos necessidade também das nossas pequenas ou grandes esperanças - de uma visita amiga, da cura das feridas internas e externas, da solução positiva de uma crise etc. Nas provações menores, estes tipos de esperança podem mesmo ser suficientes”. Ainda que não possamos esquecer que “nas provações verdadeiramente graves, quando tenho de assumir a decisão definitiva de antepor a verdade ao bem-estar, à carreira e à propriedade, a certeza da verdadeira grande esperança, de que falamos, faz-se necessária. Para isto, precisamos também de testemunhas, de mártires que se entregaram totalmente para que no-lo manifestem dia após dia. Temos necessidade deles para preferirmos, mesmo nas pequenas alternativas do dia-a-dia, o bem à comodidade, sabendo que precisamente assim vivemos a vida de verdade. Digamo-lo uma vez mais: a capacidade de sofrer por amor da verdade é a medida da humanidade. No entanto, esta capacidade de sofrer depende do gênero e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre a qual nos fundamentamos. Os santos puderam percorrer o grande caminho do ser-homem do modo como Cristo o percorreu antes de nós porque estavam repletos da grande esperança”.(9)



(8) Cfr. Bento XVI, Homilia na inauguração do ano paulino, 28-06-2008

(9) Cfr. Bento XVI, Enc. *Spe Salvi*, 30 de novembro de 2007, n. 39



Obama e Blair. O messianismo reinterpretado  
Michel Schooyans

Conferência na Assembléia da Pontifícia  
Academia de Ciências Sociais

Cidade do Vaticano, 1 de março de 2009 (1)

A eleição de Barack Hussein Obama para a presidência dos Estados Unidos suscitou numerosas expectativas em todo o mundo. Nos Estados Unidos, os eleitores votaram em um presidente jovem, mestiço e brilhante. Espera-se que corrija os erros de seu antecessor. Foram utilizadas fórmulas até excessivas, afirmando, por exemplo, que havia chegado a hora de “reedificar” os Estados Unidos ou de reorganizar a ordem internacional. Nota-se aqui a influência de Saul D. Alinsky (1909-1972), um dos Mestres do pensamento do novo presidente e de Hillary Clinton. Não faltou zelo aos admiradores do vivaz recém-eleito, que demonizaram o desventurado presidente George W. Bush, rogando que se destruísse o quanto antes a política que tinha desenvolvido. Agora, a administração Bush, à qual também não faltaram méritos, é caracterizada por falhas reconhecidas, mesmo pelo círculo mais próximo do presidente. No entanto, sobre um ponto essencial e fundamental, o presidente Bush promoveu uma política meritória de respeito e de continuidade: ofereceu ao ser humano não nascido, assim como ao pessoal médico, uma proteção jurídica insuficiente, sem dúvida, mas eficaz.

Os eleitores que levaram Barack Obama à presidência não perceberam a debilidade e a ambiguidade das declarações feitas por seu candidato sobre este ponto decisivo. Mais ainda, uma vez eleito, uma das primeiras medidas do presidente Obama foi a de revogar as disposições tomadas pelo presidente Bush para proteger o direito à vida do ser humano não nascido.

O presidente Obama reintroduz, assim, o direito a discriminar, a “deixar de lado” alguns seres humanos. Com ele, o direito de cada indivíduo humano à vida e à liberdade não é reconhecido, nem muito menos

protegido. O presidente Obama contradiz, por conseguinte, a argumentação invocada por seus próprios irmãos de raça no momento em que reivindicavam, com justiça, que fosse reconhecido o direito de todos à mesma dignidade, à igualdade e à liberdade. Em sua variante pré-natal, o racismo foi restaurado nos Estados Unidos.

O novo presidente arrasta assim o direito em um processo de regressão que altera a qualidade democrática da sociedade que o elegeu. De fato, uma sociedade que se diz democrática, na qual os governantes, invocando “novos direitos” subjetivos, permitem a eliminação de algumas categorias de seres humanos, é uma sociedade que já está dirigida para o caminho do totalitarismo. Segundo a Organização Mundial da Saúde, quarenta e seis milhões de abortos são feitos a cada ano no mundo. Revogando as disposições jurídicas que protegem a vida, Obama vai aumentar a lista fúnebre das vítimas de leis criminosas. O caminho está aberto para que o aborto se torne legalmente exigível. O próprio direito poderá ser imerso na indignidade toda vez que seja instrumentalizado e empurrado a legalizar qualquer coisa e posto, por exemplo, a serviço de um programa de eliminação de inocentes. A partir daqui, a realidade do ser humano já não tem em si nenhuma importância.

A consequência óbvia da mudança decidida por Obama é que o número de abortos no mundo vai aumentar. O presidente Bush tinha cortado as subvenções destinadas aos programas que envolviam aborto, especialmente fora dos Estados Unidos. A revogação desta medida pela nova administração limita o direito do pessoal médico à objeção de consciência e permite que Obama possa aumentar os subsídios dados às organizações públicas e privadas, nacionais e internacionais, que desenvolvem programas de controle de natalidade, de “maternidade sem riscos”, de “saúde reprodutiva”, que incluem o aborto entre os métodos contraceptivos e o promovem.

O presidente Obama aparecerá, pois, inevitavelmente como um dos principais responsáveis pelo envelhecimento da população dos Estados Unidos e das nações “beneficiadas” pelos programas de controle da natalidade apresentados como condição prévia para o desenvolvimento. Como líder político bem informado ele pode ignorar que uma sociedade que aborta seus filhos é uma sociedade que aborta seu futuro?

A medida tomada por Barack Obama está destinada a ter repercussões no plano mundial. O “messianismo” norte-americano tradicional se gloriava de oferecer ao mundo o melhor modelo de

(1) Fonte: <http://chiesa.espresso.repubblica.it/arueticolo/1338321?sp=y>

democracia. Com a permissão de legalmente assassinar inocentes, esta pretensão caminha rumo à extinção. Em seu lugar emerge um “messianismo” que anuncia a extinção dos princípios morais escritos na Declaração de Independência (1776) e na Constituição dos Estados Unidos (1787). De agora em diante, rejeita-se a referência ao Criador. Nenhuma realidade humana se impõe em virtude de sua dignidade intrínseca. Prevalece a vontade presidencial. Segundo suas próprias palavras, o presidente já não deverá referir-se às tradições morais e religiosas da humanidade. Sua vontade é fonte de lei. A propósito, o que pensa disso o congresso norte-americano?

Agora, uma vez que a influência dos Estados Unidos é a que mais pesa nas relações internacionais, bilaterais e multilaterais, e particularmente na ONU, podemos esperar que o aborto mais cedo ou mais tarde será apresentado à ONU como um “novo direito humano”, um direito que permite exigir o aborto. Seguir-se-á, daí, que não haverá lugar, no direito, para a objeção de consciência. Este mesmo processo permitirá que o presidente manifeste sua vontade de incluir na lista outros “novos direitos” subjetivos, como homossexualidade, eutanásia, divórcio, drogas, etc.

#### Refazer as religiões? Refazer o cristianismo?

Nestes programas, o presidente Obama poderá contar com o apoio de Tony Blair (2) e Cherie Booth. O grupo de estudiosos fundado pelo ex-primeiro-ministro britânico sob o nome de Tony Blair Faith Foundation tem entre as suas atribuições reconstruir as grandes religiões, como seu colega Barack Obama irá reconstruir a sociedade global. Para este fim, a referida fundação irá expandir os “novos direitos” usando para isto as religiões do mundo, adaptando-as às suas novas tarefas. As religiões deverão ser reduzidas ao mesmo denominador comum, ou seja, deverão ser esvaziadas de sua própria identidade. Isso não pode ser feito senão com o estabelecimento de um direito internacional inspirado em Hans Kelsen (1881- 1973) e chamado a legitimar todos os direitos das nações soberanas. Este direito também será aplicado sobre as religiões do mundo, de modo que a nova “fé” seja o princípio unificador da sociedade global. Esta nova “fé”, este princípio unificador, deverá permitir o progresso dos Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento. Entre estes objetivos, o item nº 3 afirma: “Promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres”; e o nº 5: “Melhorar a saúde materna”. Sabemos o que esconde e envolve essas expressões. Para o lançamento da Fundação, foi anunciada uma campanha contra a malária como parte

da meta do nº 6: “Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças”. O anúncio foi feito de forma tal que, subscrevendo esta campanha, subscreve-se também todos os objetivos do Milênio.

De fato, o projeto de Tony Blair prolonga e amplia a Iniciativa das Religiões Unidas, que surgiu há vários anos. Além disso, amplia a Declaração para uma ética planetária da qual Hans Küng é um dos principais inspiradores. Este plano não pode ser realizado senão à custa do sacrifício da liberdade religiosa, da imposição de uma leitura “politicamente correta” das Sagradas Escrituras e da sabotagem dos fundamentos do direito. Maquiavel já acomodava o uso da religião para fins políticos...

A “conversão” muito divulgada do ex-primeiro-ministro britânico ao catolicismo, e sua entrevista à revista gay “Attitude” em abril de 2009, permitem-nos compreender ainda melhor as intenções de Tony Blair em relação às religiões, a começar pela religião católica. Os discursos do Santo Padre, especialmente sobre preservativos, pertencem à outra geração. O recém “convertido” não hesita em explicar ao Papa não apenas o que deve dizer, mas também no que acreditar! É realmente católico? Blair não acredita na autoridade do Papa.

Estamos de volta aos dias de Hobbes, se não de Cromwell: é o poder civil que define em que acreditar. A religião é esvaziada do seu conteúdo próprio, de sua doutrina, do que fica apenas um resíduo moral definido pelo Leviatã. Não se diz ser necessário renegar Deus, mas de agora em diante Deus não tem nada a ver com a história dos homens e dos seus direitos: retorna-se ao deísmo. Deus é substituído pelo Leviatã. Cabe a ele definir, se assim o quiser, uma religião civil; interpretar - se quiser e como quiser - os textos religiosos. A questão da verdade da religião já não importa. Os textos religiosos, e especialmente os textos bíblicos, devem ser compreendidos em sentido puramente “metafórico”; é o que Hobbes recomenda (III, XXXVI). Na melhor das hipóteses, apenas o Leviatã pode interpretar as Escrituras. É necessário também reformar as instituições religiosas para se adaptar às mudanças. É necessário tomar como reféns algumas personalidades religiosas, chamadas a validar a nova “fé” secularizada, a fé da “civil partnership”.

Os direitos do homem como concebidos na tradição do realismo filosófico são assim passados pelo fio da espada. Tudo é relativo. Dos direitos não sobram senão os definidos pelo Leviatã. Como escreve Hobbes: “a lei da natureza e a lei civil estão contidas uma na outra e são iguais em extensão” (I, XXVI, 4). Da verdade fica apenas aquela declarada pelo próprio

---

(2) Ex-Primeiro Ministro britânico, Anthony Charles Lynton Blair.

Leviatã. Somente ele decide como a mudança deve ser feita.

### O retorno da águia de duas cabeças

O projeto Blair não pode ser realizado sem recolocar em questão a diferença e as relações entre a Igreja e o Estado. Este projeto corre o risco de fazer-nos regredir a uma época em que o poder político atribuía-se a si mesmo a missão de promover uma confissão religiosa ou de mudá-la. No caso da Tony Blair Faith Foundation, tratar-se-ia também de promover uma, e apenas uma, confissão religiosa, que um poder político universal, global, imporia ao mundo inteiro. Recordemos que o projeto Blair, encharcado de Nova Era, foi preparado ideologicamente tanto pela Iniciativa das Religiões Unidas como pela Declaração para uma Ética Mundial, já citada, e apoiada por numerosas fundações semelhantes.

Este projeto lembra evidentemente a história do anglicanismo e de sua fundação pelo “defensor da fé” Henrique VIII. O projeto das religiões unidas, reduzidas a um denominador comum, é, no entanto, mais criticável que o projeto de Henrique VIII. Com efeito, este projeto propõe o estabelecimento de um governo mundial e uma força policial global das idéias. Como se viu, a propósito de Barack Obama, os arquitetos do governo mundial se dedicam a impor um sistema de positivismo jurídico que procede do direito de uma vontade suprema, da qual depende o reconhecimento dos direitos individuais. Em suma, se o projeto Blair se cumprisse, os agentes do governo mundial imporiam, com um novo Ato de Supremacia, uma religião única legitimada pelos intérpretes da vontade suprema (Hobbes, III, XXXVI).

A análise das decisões de Barack Obama e do projeto de Tony Blair revela que uma aliança de duas novas vontades convergentes está tomando forma. Uma tem como objetivo subjugar o direito e a outra subjugar a religião. Esta é a nova versão da águia de duas cabeças. Direito e religião são instrumentalizados para “legitimar” seja o que for.

Esta dupla instrumentalização é mortal para a comunidade humana. É o resultado de diferentes experiências realizadas no quadro do Estado-Providência. Este, à custa de querer agradar as pessoas, multiplicou os “direitos” subjetivos de condescendência, por exemplo, sobre divórcio, a sexualidade, a família, a população, etc. Mas, ao fazer isso, o Estado-Providência cria inúmeros problemas que é incapaz de resolver. Com a extensão destes “direitos” de condescendência em escala mundial, os problemas de pobreza e de marginalização são multiplicados a ponto de nenhum governo mundial poder resolvê-los.

O mesmo acontece com a religião. A partir do momento que se conseguiu a separação entre a Igreja e Estado, é inadmissível que o Estado se sirva da religião para dar força a seu domínio sobre os corações, os corpos e as consciências. Como disse o Arcebispo Ronald Minnerath (3), o Estado não pode algar a verdade religiosa e deve garantir a liberdade de buscá-la.

### Para um terrorismo político-jurídico

Através destes canais, e com o apoio de Blair, o presidente-jurista Obama presta-se a lançar um novo messianismo americano, completamente secularizado. Nisto se beneficia através do apoio de seu fiel parceiro, virtual candidato à presidência da União Européia. A vontade suprema do Presidente dos Estados Unidos irá validar o direito das relações entre as nações. Em suas pegadas, serão promulgados por seu colega britânico os “Trinta e Nove Artigos” da nova religião mundial.

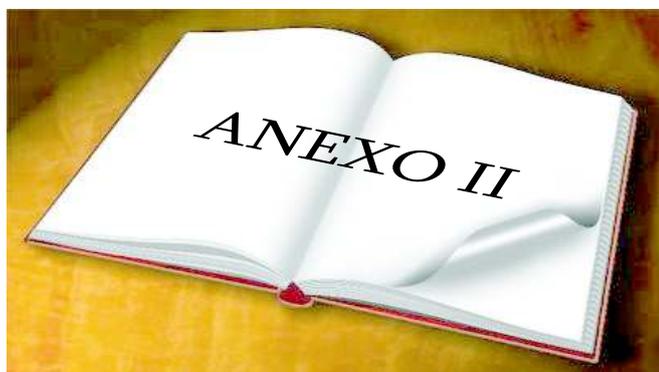
Do topo da pirâmide, a vontade do Príncipe está destinada a se mover pelos canais internacionais da ONU e alcançar canais nacionais particulares. Nesta perspectiva, este processo, como se pode imaginar, elimina a autoridade dos parlamentos nacionais, remove a autoridade do executivo e destrói a independência do poder judiciário. E por estas razões que, na lógica de Obama, o papel de um tribunal penal internacional é chamado a se ampliar, e este deve ser armado para reprimir os recalcitrantes - os católicos, por exemplo - que rejeitam este ponto de vista do poder e do direito, de um direito tornado vassalo do poder. Como não ver esta verdade chocante ao testemunhar o surgimento de um terrorismo político-jurídico sem precedentes na história?

Façamos, por fim, um esforço para lembrar que a Igreja não tem o monopólio sobre o respeito do direito humano à vida. Este respeito é proclamado pelas maiores tradições morais e religiosas da humanidade, muitas vezes anteriores ao cristianismo. A Igreja reconhece plenamente o valor dos argumentos dados pela razão em favor da vida humana. Como o Arcebispo Minnerath admiravelmente mostrou, a Igreja completa e consolida esta argumentação valendo-se da contribuição da teologia: o respeito pela criação; o homem à imagem de Deus; o amor ao próximo; o novo mandamento, etc. Estes argumentos são frequentemente apresentados nas declarações da Igreja e nos numerosos documentos cristãos sobre o assunto.

---

(3) Arcebispo de Dijon, França.

Mas, quando as mais altas autoridades das nações, e até mesmo a primeira potência mundial, vacilam diante do respeito aos direitos humanos fundamentais, é um dever para a Igreja chamar todos os homens e mulheres de boa vontade para que se unam a fim de formar uma frente única para defender a vida de todo ser humano. A primeira atitude que se impõe a todos, de acordo com as responsabilidades de cada um, é a objeção de consciência que, por outro lado, Obama quer limitar. Mas esta objeção deve ser completada por um compromisso e uma ação na esfera política, nos meios de comunicação e nas universidades. A mobilização deve ser geral e deve ser este o objetivo central de toda a moral e, especialmente, toda a moral católica: reconhecer e amar o próximo, começando pelo próximo menor e mais vulnerável.



### A Terra e seu Caráter Sagrado

Irmã Donna Geernaert, SC

#### Advertência ao leitor

Para ilustrar o grau de confusão doutrinária a que se chegou, incluímos a conferência A Terra e seu Caráter Sagrado, da Irmã Donna Geernaert SC, no Plenário da União Internacional de Superioras Gerais (UISG) que se deu em Roma, em maio de 2007. Mas antes de enfrentar a leitura do trabalho de Geernaert, devemos fazer algumas breves observações que consideramos imprescindíveis para poder elaborar um julgamento correto, conforme a doutrina católica, sobre as teorias da autora.

O Magistério da Igreja se ocupou largamente nestes últimos anos do problema ecológico. João Paulo II chega a qualificar de “holocausto ambiental” os abusos cometidos pelo desmesurado afã de consumo para sustentar o atual modo de vida, especialmente dos países desenvolvidos, e dedica muitas páginas de seu ministério ao problema. Basta ver, por exemplo, a encíclica *Sollicitudo rei socialis*, n. 34; a encíclica *Centesimus annus*, n. 37-38; a Mensagem da Jornada Mundial da Paz, 1990; o Discurso aos Cientistas, de 8 de maio de 1993.

Bento XVI continua chamando a atenção da

Igreja e do mundo sobre a questão ecológica, entre outras ocasiões, na Mensagem para a XLIII Jornada Mundial da Paz, de 01 de janeiro de 2010, sob o título *Se Quiseres Cultivar a Paz Preserva a Criação*, na qual diz:

Porventura não é verdade que, na origem daquela que em sentido cósmico chamamos «natureza», há «um desígnio de amor e de verdade»? O mundo «não é fruto duma qualquer necessidade, dum destino cego ou do acaso, (...) procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade». Nas suas páginas iniciais, o livro do Gênesis introduz-nos no projeto sábio do cosmos, fruto do pensamento de Deus, que, no vértice, colocou o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança do Criador, para «encher e dominar a terra» como «administradores» em nome do próprio Deus (cf. Gn 1, 28). A harmonia descrita na Sagrada Escritura entre o Criador, a humanidade e a criação foi quebrada pelo pecado de Adão e Eva, do homem e da mulher, que pretenderam ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-se como suas criaturas. Em consequência, ficou deturpada também a tarefa de «dominar» a terra, de a «cultivar e guardar» e gerou-se um conflito entre eles e o resto da criação (cf. Gn 3,17-19). O ser humano deixou-se dominar pelo egoísmo, perdendo o sentido do mandato de Deus, e, no relacionamento com a criação, comportou-se como explorador pretendendo exercer um domínio absoluto sobre ela. Mas o verdadeiro significado do mandamento primordial de Deus, bem evidenciado no livro do Gênesis, não consistia numa simples concessão de autoridade, mas antes num apelo à responsabilidade. Aliás, a sabedoria dos antigos reconhecia que a natureza está à nossa disposição, mas não como «um monte de lixo espalhado ao acaso», enquanto a Revelação bíblica nos fez compreender que a natureza é dom do Criador, o Qual lhe traçou os ordenamentos intrínsecos a fim de que o homem pudesse deduzir deles as devidas orientações para a «cultivar e guardar» (cf. Gn 2, 15). Tudo o que existe pertence a Deus, que o confiou aos homens, mas não à sua arbitrária disposição, (n.6).

O Santo Padre, para evitar os abusos do ecocentrismo expõe no n. 13 da Mensagem:

Por fim não se deve esquecer o fato,

altamente significativo, de que muitos encontram tranqüilidade e paz, sentem-se renovados e revigorados quando entram em contato direto com a beleza e a harmonia da natureza. Existe aqui uma espécie de reciprocidade: quando cuidamos da criação, constatamos que Deus, através da criação, cuida de nós. Por outro lado, uma visão correta da relação do homem com o ambiente impede de absolutizar a natureza ou de considerá-la mais importante do que a pessoa. Se o magistério da Igreja exprime perplexidades acerca de uma concepção do ambiente inspirada no ecocentrismo e no biocentrismo, fá-lo porque tal concepção elimina a diferença ontológica e axiológica entre a pessoa humana e os outros seres vivos. Deste modo, chega-se realmente a eliminar a identidade e a função superior do homem, favorecendo uma visão igualitarista da «dignidade» de todos os seres vivos. Assim se dá entrada a um novo panteísmo com acentos neopagãos que fazem derivar apenas da natureza, entendida em sentido puramente naturalista, a salvação para o homem. Ao contrário, a Igreja convida a colocar a questão de modo equilibrado, no respeito da 'gramática' que o Criador inscreveu na sua obra, confiando ao homem o papel de guardião e administrador responsável da criação, papel de que certamente não deve abusar, mas de que também não pode abdicar. Com efeito, a posição contrária, que considera a técnica e o poder humano como absolutos, acaba por ser um grave atentado não só à natureza, mas também à própria dignidade humana (n. 13).

\*\*

Considerando o Magistério recente, passemos a analisar brevemente a conferência A terra e seu caráter sagrado da Irmã Donna Geernaert, SC, no Plenário da União Internacional de Superiores Gerais (UISG).

O artigo da Irmã Geernaert, como ela explicitamente declara, depende, entre outros autores, do pensamento do sacerdote jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955). Tratando-se deste autor, devemos considerar que, em 30 de junho de 1962, a Congregação do Santo Ofício (hoje chamada Congregação para a Doutrina da Fé) declarou:

“Deixando de lado um juízo sobre esses pontos que dizem respeito às ciências positivas, é suficientemente claro que as obras acima mencionadas abundam em tais ambigüidades e até mesmo em erros graves, que ofendem a doutrina católica.

Por esta razão, os eminentíssimos e reverendíssimos Pais do Santo Ofício exortam a todos os Ordinários e superiores dos institutos religiosos, reitores dos seminários e presidentes de universidades, a proteger eficazmente as mentes, particularmente dos jovens, contra os perigos apresentados pelas obras de P. Teilhard de Chardin e seus seguidores”.

Em 20 de julho de 1981, enfrentando os rumores de que o *Monitum* (Advertência) do Santo Ofício de 1962 sobre a obra de Teilhard de Chardin já não tinha vigência, a Santa Sé reiterou essa advertência. O Escritório de Imprensa da Santa Sé publicou na edição inglesa d'Osservatore Romano (20-07-1981) o seguinte:

“A carta enviada pelo Cardeal Secretário de Estado a sua Excelência Dom Poupard no centenário do nascimento do P. Teilhard de Chardin foi interpretada por certo setor da imprensa como uma revisão de pronunciamentos prévios da Santa Sé sobre este autor, e em particular do *Monitum* do Santo Ofício de 30 de junho de 1962, o qual assinalou que a obra do autor continha ambigüidades e graves erros doutrinários.

Questionou-se se tal interpretação está bem fundamentada.

Depois de ter consultado o Cardeal Secretário de Estado e ao Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, aqueles que, por ordem do Santo Padre, tinham sido devidamente consultados de antemão, sobre a carta em questão, estamos em condições de replicar pela negativa.

Longe de ser uma revisão dos pronunciamentos prévios da Santa Sé, a carta do Cardeal Casaroli exprime reservas em várias passagens - e estas reservas foram deixadas de lado, pelo silêncio de certos jornais -, reservas que se referem exatamente ao juízo dado no *Monitum* de Junho de 1962, ainda que este documento não seja mencionado explicitamente”.

Outro autor citado por Donna Geernaert é o Padre Thomas Berry, missionista e discípulo de Teilhard de Chardin falecido em 1990. O Pe. Berry é considerado o “pai da ecoteologia” e do “ecofeminismo” dentro da Igreja Católica. Apesar de seus erros evidentes, suas obras nunca foram expressamente condenadas pela Igreja. Apadrinhou um numeroso grupo de religiosas - pertencentes a diferentes congregações - chamado “as freiras verdes”, que têm uma forte influência nas assembleias da Leadership Conference of Women

Religious (LCWR), a Conferência de superiores religiosas dos Estados Unidos, que atualmente sofre intervenção por parte da Santa Sé.

Para o Pe. Berry, o grande desafio, que ele chamava de “o Grande Trabalho”, era a preparação da humanidade para o ingresso na nova era “ecozóica”, na qual as espécies da Terra seriam “mutuamente benéficas” umas para as outras. As “freiras verdes” têm nesta tarefa sua missão principal, que consideram mais importante do que difundir o Cristianismo. Para Berry, a Bíblia devia ser deixada “numa estante pelo menos por vinte anos” para que as pessoas pudessem ler “a primeira Escritura, o mundo da natureza que está à nossa volta”. Seguindo este ensinamento, as freiras verdes procuram passar de um antropocentrismo a um “biocentrismo”.

Creio que estas linhas bastam para ajudar a situar doutrinalmente a conferência A Terra e seu Caráter Sagrado, da Irmã Donna Geernaert, de cujo texto notemos apenas o seguinte.

Nestes parágrafos da conferência não se afirma, con-forme a doutrina católica, a absoluta transcendência de Deus em relação à criatura humana e a toda criação; sua autora pareceria, assim, estar de acordo com alguma forma de panteísmo quando afirma: “Na nova cosmologia, Deus é visto como uma causa interna, presença imediata no surgimento de todo universo”.

Na conferência de Donna Geernaert, a Revelação, a Salvação, a doação da Graça, que são ações próprias e exclusivas de Deus, não aparecem. E é confusa quando fala da Criação, obra ad extra, livre e exclusiva de Deus. Estes aspectos do artigo de Geernaert criam um extenso campo para a distorção da doutrina católica.

A criatura humana é posta no mesmo plano do resto das criaturas, quando a revelação bíblica claramente nos diz: “Que é o homem, para te lembrares dele, ou o filho do homem, para o visitares? Tu o fizeste pouco inferior aos anjos; de glória e de honra o coroaste, e lhe deste o mando sobre as obras das tuas mãos. Sujeitaste todas as coisas debaixo de seus pés” (Salmo 8, 5-7).

No texto de Geernaert, o ser humano - homem e mulher - pareceria estar sendo permanentemente levado pela corrente de uma evolução que não tem causa eficiente, nem final, nem origem, nem meta transcendente. O destino partilhado que daria unidade à grande diversidade em que se encontra indiscriminadamente imerso não é a Parusia, a Vinda do Senhor Jesus na Glória; a Transfiguração do Cosmos é mais uma indefinida permanência nesta Terra que exige uma solidariedade dos viventes ordenados a forjar e perpetuar uma bem-aventurança intramundana. As

sucessivas gerações irão usufruindo desta felicidade, ao melhor estilo das utopias milenaristas ou materialistas. Assim, por exemplo, Geernaert conclui: “Uma espiritualidade ecológica chama as/os religiosas/os a trabalhar com a comunidade terrestre ampliada, para formar um processo planetário integral. Centra-se na recuperação da intimidade humana com todos os elementos que participam do universo do ser. Oferece uma nova forma de ministério profético com implicações tanto místicas como práticas. Esta espiritualidade ecológica contribuirá para fazer a transição entre um modo não viável e um modo viável para a comunidade planetária. Sem ela, não pode haver nem vida nem esperança para ninguém, nesta casa planetária, que é a nossa.”

Quanto à conduta cristã, aparece envolvida nesta grande evolução. Na conferência, o comportamento cristão se acha submetido a uma criatividade subjetiva que não admite verdades imutáveis e universalmente válidas para todos os seres humanos de todas as épocas históricas e de todas as latitudes. A Irmã Geernaert não parece considerar as palavras de Jesus: “Se me amais, observareis os meus mandamentos” (Jo 14,15); “Aquele que retém os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14,21), afirmações de Jesus Cristo que não admitem as veleidades de um comportamento evolucionante.

### A terra e seu caráter sagrado

Irmã Donna Geernaert, SC

Apresentação na Plenária da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), que foi realizada em Roma, entre 6 a 10 de maio de 2007. (1)

Gostaria de começar agradecendo às organizadoras da Plenária deste ano por ter me convidado para introduzir a questão da ecologia como “espiritualidade nova que gere esperança e vida para

---

(1) Fonte:

[http://vidimusdominum.info/en/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_details&Itemid=75&gid=421,14-05-10](http://vidimusdominum.info/en/index.php?option=com_docman&task=doc_details&Itemid=75&gid=421,14-05-10).

A Irmã Donna Geernaert, SC, nasceu em Saskatchewan e cresceu em Vancouver, BC. Ingressou nas Irmãs da Caridade de Halifax e realizou seus primeiros estudos superiores na Universidade de Mount Saint Vincent em Halifax. A Irmã Donna obteve um Doutorado em Teologia no St. Michael's College, Toronto. Seu trabalho como teóloga concentrou-se em várias áreas, com ênfase na Teologia católica contemporânea e na Teologia das Religiões. Desde agosto de 2002 é Superiora geral de sua congregação, As Irmãs da Caridade (Halifax), que tem missões no Canadá, no leste dos Estados Unidos, nas Bermudas, na República Dominicana e no Peru.

toda a humanidade”. Há alguns anos, escrevi minha tese sobre Teilhard de Chardin e esta foi uma boa ocasião para voltar a examinar uma parte desta reflexão. Convidar uma norte-americana para refletir sobre a ecologia é, obviamente, um objetivo especial, já que nossa sociedade industrializada é uma das causas maiores da contaminação do meio-ambiente (2).

### A ecologia

O termo “ecologia” vem do grego oikos, “casa”, que destaca o respeito e a solicitude em relação à terra, como criação de Deus e morada da vida. Estudo científico relativamente novo, a ecologia supõe uma posição moral espiritualmente fundada, segundo a qual todo os seres da terra formam uma casa (oikos) e se beneficiam de uma economia (oikonomia), favorecendo o desenvolvimento de todas as formas de vida planetária. A ecologia considera a “ordem da casa”, as atitudes e tecnologias, os comportamentos e a ciência, a fim de permitir que todos os habitantes do-planeta vivam indefinidamente na prosperidade. Neste contexto, Sallie McFague fala de uma economia ecológica que “nos convida a imaginar-nos, não como indivíduos isolados, mas como pessoas que vivem sob o mesmo teto”. Este modelo ecológico - continua ela - “exige que os inquilinos obedeçam três leis principais: contentar-se com a sua parte, limpá-la depois de usá-la e manter a casa em boas condições para os ocupantes futuros. Não somos donos da casa nem sequer a alugamos. E um empréstimo que nos fazemos durante o nosso tempo de vida, com a cláusula de obedecer às regras acima descritas para que a casa possa nutrir, abrigar, fazer crescer e usufruir aqueles que se instalarão nela depois de nós [nosstras/os] (3).

A resposta para a atual crise do meio ambiente apresenta um sério desafio para as religiões do mundo. Na verdade, os críticos têm considerado a religião como um agente significativo de deterioração ambiental. A historiadora Lynn White, em 1967, diz, em particular, que a ênfase no cristianismo em um Deus transcendente e na dominação humana da natureza levou a uma desvalorização do mundo natural e à destruição de seus recursos (4). No entanto, existe um crescente grupo de pesquisa sobre o papel que a religião pode desempenhar articulando uma visão global e ética do mundo para

---

(2) Jerome C. Glenn y Theodore J. Gordon, 2006 *State of the Future*, United Nations University Centre, pp. 1-7 identifica um certo número de variáveis.

(3) 'Sallie McFague, «New House Rules: Christianity, Economics and Planetary Living», *Dtodalus* 130 (2001), 125-140.

(4) Lynn White, «The Historical Roots of Our Ecological Crisis», *Science* 155 (1967), 1203-1207.

ajudar a tratar eficazmente os problemas do meio-ambiente. O Fórum de Harvard sobre Religião e Ecologia procura pôr eruditos advindos de estudos acadêmicos na área de religião em contato com cientistas, políticos e ativistas; fomentar esforços conjuntos criando uma base comum para o diálogo e para a colaboração, imaginando e implantando soluções de longo alcance aos problemas do meio ambiente mais urgentes (5).

### A cosmologia

A iminência de um desastre do meio ambiente é, cada vez mais, evidente; a inação humana e a aparente falta de vontade para encontrar meios eficazes de abordar o problema o faz ainda mais intrincado. Neste contexto, o ecologista Thomas Berry afirma a importância da cosmologia:

“A narração cosmológica é a primeira narração de todo povo, pois esta história é a que lhe dá seu sentido do universo[...]. É uma história que cura, uma poderosa história, uma história que guia. Todos os papéis humanos são continuações, elaborações suplementares, desenvolvimentos e desdobramentos desta história. Assim, pois, todo ato criativo, no nível humano, é uma prolongação da criatividade do universo” (6)

Atualmente, afirma, estamos em dificuldade porque a história fundamental que foi o coração da civilização ocidental e de sua cultura perdeu sua potência. Numa palavra, a falta de uma cosmologia motivadora impede a ação.

---

(5) Uma série de dez conferências que teve lugar na Universidade de Harvard, de maio de 1996 a julho de 1998, analisou o tema religião e ecologia do ponto de vista das dez tradições religiosas mais importantes: Budismo, Cristianismo, Confucionismo, Hinduísmo, tradições indígenas, Islamismo, Jansenismo, Judaísmo, Xintoísmo e Taoísmo. Estes encontros produziram uma série de onze volumes sobre as religiões do mundo e a ecologia. Reuniram especialistas que estudaram os problemas da sociedade e do meio ambiente do ponto de vista religioso. Estes livros são um passo à frente no processo evidente de identificação dos recursos ecologicamente pertinentes no interior de cada tradição. Nesse mesmo sentido, o fórum canadense sobre religião e ecologia foi lançado na Universidade de Toronto em março de 2004 e, de 24 a 26 de maio de 2007, aconteceu em Bamberg, na Alemanha, a conferência inaugural do Fórum Europeu para o estudo da religião e do meio ambiente.

(6) 'Thomas Berry, *Evening Thoughts : Reflecting on Earth as Sacred Community* (San Francisco: Sierra Club Books, 2006), p. 59. Berry, sacerdote Passionista que se chama a si mesmo de “geólogo”, é um dos que mais contribuíram para o conhecimento da ecologia. Falou sobre o desenvolvimento de uma nova cosmologia ou de uma nova história do universo.

A cosmologia cristã tradicional tem sua fonte nos três primeiros capítulos do Gênesis. Os biblistas estão de acordo em dizer que a narração da Criação em Gênesis 1 reflete o contexto do exílio da Babilônia. Na narração épica babilônica da Criação, a *Enuma elish*, o mundo é criado a partir dos restos de um monstro, uma deusa, Tiamat. A criatura humana, feita com o sangue da deusa vencida, é uma criatura primitiva e comum obrigada a servir aos deuses para que eles possam descansar. A Bíblia, pelo contrário, declara, sem equívocos, que toda a criação é boa. A humanidade é criada à imagem e semelhança de Deus e é chamada a compartilhar o repouso sabático de Deus. Uma visão semelhante encontra-se em Gênesis 2, que pressupõe um ambiente desértico onde um Deus, mais antropomórfico, modela a humanidade (Adão) a partir do pó (*adamah*), cria um jardim, aí estabelecendo Adão para “cultivá-lo e guardá-lo”. Os comentários deste texto familiar, com frequência, encontraram nele um argumento para justificar a subordinação da mulher, o que parece contradizer a igualdade dos sexos, evidente em Gênesis 1. No entanto, a exegese recente duvida desta interpretação e indica que Gênesis 2 descreve a igualdade fundamental entre homem/mulher, como se vê em Gênesis 1. O termo hebreu *adam* (2,7) é genérico e se refere a uma criação incorporando os dois sexos, até que aparece a diferenciação homem/mulher, *ish/isha*, (2,23). À luz destes estudos, a afirmação da dominação masculina aparece no contexto de um juízo divino da desobediência humana e é considerada como uma consequência do pecado, uma deformação da relação harmoniosa prevista na fórmula da aliança de Gênesis, 2, 23. Repensar a dominação do homem sobre a mulher sugere uma reavaliação similar das relações da humanidade com o resto do mundo criado. Desta maneira, em lugar de apoiar a supremacia do homem, ou do ser humano, as narrações da criação parecem, na verdade, condenar de maneira implícita o modelo de dominação/submissão da relação (7). Ainda que a exegese contemporânea ofereça novas intuições sobre o sentido da narração bíblica, o texto continua refletindo uma cosmologia fundamentalmente estática.

Os avanços da ciência e da tecnologia, no transcurso do século passado, produziram uma explosão de informações sobre o universo. Enquanto os astrônomos escrutinam a longitude e a amplitude do espaço, os físicos exploram o trabalho interno das partículas e das ondassubatómicas. No nível macro e microcósmico, esta busca confirma, ao mesmo tempo, a

imensidão do espaço e do tempo, a unidade subjacente do universo, a interação dinâmica do caos e da criatividade. Existe um consenso científico crescente a respeito de um universo em expansão nascido de uma explosão de energia, há uns quinze milhões de anos, e de uma comunidade terrestre em evolução que tomou consciência de si mesma com o aparecimento do ser humano. O físico Brian Swimme identifica alguns aspectos desta nova cosmologia científica. Num universo emergente, diz ele, em que “a dinâmica do tempo se revela através de uma criatividade permanente”, tudo está “geneticamente unido” e “interconectado”[...] “Todos os seres da Terra estão implicados no funcionamento de todo sistema de vida específica (8). Mais adiante o autor cita as três leis fundamentais do universo: “diferenciação (caráter único em relação a tudo o que existe como outro), subjetividade (interioridade centrada que se organiza por si mesma) e comunhão.

O fato de que esta nova cosmologia científica tenha sido elaborada de maneira empírica põe em relevo a possibilidade de que se transforme em uma história transcultural de fundação e convida a uma resposta religiosa. O paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin está entre os pioneiros neste tipo de reflexão, que o permitiu afirmar a existência de uma dimensão espiritual na evolução cósmica e de uma dimensão cósmica na espiritualidade cristã. Através da análise da relação entre o psíquico e o aspecto físico da realidade, é detectada uma lei de complexidade-consciência. Quando é considerada dentro do quadro do tempo evolutivo ou duradouro, esta lei revela uma crescente tomada de consciência de uma sucessão de formas cada vez mais complexas. Além disso, não existe nenhuma razão para supor que o processo evolutivo tenha se detido com o advento da humanidade, que se produziu através da etapa crucial da reflexão. É de se esperar, ao contrário, que o processo de complexidade-consciência crescente continue à medida que a sociedade humana proporcione um ambiente que

---

(8) “Brian Swimme, «Science: A Partner in Creating the Vision», in Anne Lonergan and Caroline Richards, eds. *Thomas Berry and the New Cosmology* (Mystic, CT: Twenty-Third Publications, 1987), pp. 86-89. Para uma discussão mais recente sobre o funcionamento integral do universo, ver a descrição da teoria de holon em Cletus Wessels, *Jesus in the New Universe Story* (New York: Orbis Books, 2003), pp. 48-59. “Brian Swimme, «Science: A Partner in Creating the Vision», in Anne Lonergan and Caroline Richards, eds. *Thomas Berry and the New Cosmology* (Mystic, CT: Twenty-Third Publications, 1987), pp. 86-89. Para uma discussão mais recente sobre o funcionamento integral do universo, ver a descrição da teoria de holon em Cletus Wessels, *Jesus in the New Universe Story* (New York: Orbis Books, 2003), pp. 48-59.

---

(7) A interpretação de Gênesis 2-3 reflete a exegese de Phyllis Trible, *God and the Rhetoric of sexuality*, (Filadélfia: Fortress Press, 1978), 72-143.

permita a muitos indivíduos refletir, combinar seus esforços de reflexão e, assim, aumentar o campo e a clareza da reflexão. No entanto, aplicando a lei da complexidade-consciência à sociedade humana, Teilhard é consciente da autonomia humana e adverte sobre a eventualidade de uma crise orgânica na evolução. “Existe o perigo de que os elementos do mundo rejeitem servir ao mundo, porque pensam; ou, mais exatamente, que o mundo se rejeite a si mesmo quando se percebe através da reflexão” (9). Neste contexto, espera que a síntese que propõe entre fé e evolução apóie o contínuo progresso científico da humanidade. É possível, afirma, crer simultaneamente e totalmente em Deus e no mundo, crer num através do outro.

### Perspectivas Cristãs

Num universo em evolução, o cosmos transforma-se em cosmogênese e os conceitos religiosos, formulados anteriormente com uma visão mais estática do mundo, já não convêm. Para responder ao novo estado, os teólogos cristãos buscarão não apenas explorar o sentido na nova cosmologia em relação à doutrina da criação, mas também reinterpretar os elementos e os ensinamentos da fé através do prisma da experiência contemporânea. Isto pode ser visto como uma ameaça ou uma oportunidade.

Para alguns, a nova cosmologia aparece como uma contaminação da religião e uma causa de desmoroamento da moral. Outros se entusiasma diante da possibilidade de revitalizar os conceitos e práticas tradicionais através de imagens e de uma linguagem que falem ao século XXI.

A tradicional e a nova cosmologia sustentam que Deus é a fonte de tudo que existe e que está presente em todas as criaturas. No entanto, a maneira como Deus atua e está presente é muito diferente em cada caso. Na cosmologia tradicional, por exemplo, Deus intervém como causa externa para levar todas as criaturas à existência. Na nova cosmologia, Deus é visto como uma causa interna, presença imediata na manifestação de todo o universo. Segundo Cletus Wessels, “esta maneira de compreender a criação nos dá uma consciência pessoal mais profunda da presença íntima de Deus dentro de nós [nosotros/os] e da unidade interna entre a pessoa humana e toda a raça humana” (10).

Quando considera a questão da ação divina no mundo casual e de acontecimentos fortuitos, Elizabeth Johnson encontra grandes possibilidades na idéia de participação de Tomás de Aquino. “Uma das forças de Tomás, ressalta, é a

---

(9) Pierre Teilhard de Chardin, *Le phénomène de l'homme*, trad. Bernard Wall (Londres: Fontana Books, 1959), pp. 253-254. La ley de la complejidad-conciencia es resumida pp.328-338.

(10) Wessels, op.cit., p. 59.

autonomia que dá à existência criada graças à sua participação no ser divino”[...] “É uma visão de Deus e do mundo autenticamente não competitiva. Sua proximidade a Deus e sua autêntica autonomia de criatura crescem com seu dinamismo em proporção mais direta que inversa”.

Assim, neste sistema de pensamento, “a onipotência se manifesta infalivelmente, não como dominação coercitiva sobre..., mas como amor soberano que permite existir”. Além disso, limitar sua onipotência é, da parte de Deus, um ato de amor livre e voluntário (11).

Do ponto de vista cristão, um universo emergente no qual tudo está geneticamente unido e interconectado convida à reflexão sobre a presença cósmica de Cristo encarnado. Teilhard de Chardin propõe uma abordagem. Para ele, o processo fundamental de unificação em Deus através de Cristo chega a ser uma “Cristogênese” onde os mistérios da criação, da encarnação e da redenção estão lógica e historicamente unidos (12). Pela encarnação, Deus está imerso no universo em evolução - sob a forma de uma pessoa histórica capaz de estimular e de acrescentar o amor intrínseco - e no estabelecimento de relações pessoais. É um acontecimento particular que pode também ser visto como “a expressão, especialmente intensificada, de um processo de dimensões 'cósmicas’”. Assim, a encarnação não apenas expressa a aplicação de uma lei de nascimento, mas também significa a “influência definitiva” de Cristo sobre o universo (13). Tendo-se materializado em um contínuo espaço-temporal, Cristo está tão “enraizado no mundo visível” que não pode ser extraído sem “sacudir os fundamentos do universo”. A humanidade torna-se capaz de experimentar, descobrir e amar a Deus em toda longitude, amplitude e profundidade do mundo em movimento. “É uma oração, diz Teilhard, que não pode ser feita senão no espaço-tempo” (14).

Para os discípulos de Cristo, as opções morais estão ligadas ao fato de que o mundo inverte os valores do reino de Deus inaugurado na vida, morte e ressurreição de Jesus. O reino de Deus, este mundo de relações justas no qual a compaixão, a misericórdia e o perdão são realidades estruturais, deve ser vivido e proclamado com uma força convincente. No entanto, a atual ausência de relações justas

---

(11) Elizabeth Johnson, «Does God Play Dice? Divine Providence and Chance», *Theological Studies* 56 (1966), 3-18.n

(12) Pierre Teilhard de Chardin, 'Christianisme et évolution : suggestions pour une nouvelle théologie', «Introduction à la vie chrétienne», in René Hague, trad. *Christianity and Evolution* (London Collins, 1971), pp. 182-183,155.

(13) Pierre Teilhard de Chardin, «Mon univers», in René Hague, trad., *Science and Christ* (New York, Harper and Row, 1968), p. 61

(14) Pierre Teilhard de Chardin, «Le phénomène de l'homme», p. 325.

humanos/terra é cada vez mais evidente. Neste contexto, a reflexão moral começa por afirmar o valor intrínseco do mundo natural. A natureza, com seu próprio valor inerente diante de Deus, está em vias de ser reconhecida como o novo pobre, e a ação em nome da justiça se amplia para abarcar as outras espécies, na busca de comunhão dinâmica na vida para todos. A partir de agora, reconhece-se que a opressão econômica, o racismo, o sexismo e o abuso da terra estão interrelacionados. Ao lado do homicídio, do suicídio e do genocídio, são denunciados os males que representam o ecocídio, biocídio e o geocídio. Os bispos das Filipinas designaram a preservação e a proteção do planeta como “o objeto último da luta pela vida”. Pamel Smith sintetiza a pedra angular da ética do meio ambiente em termos de “respeito de grande envergadura pela vida e de compromisso em grande escala pelo bem comum”. Como católicas/os, diz ela, a motivação mais importante para uma ética de respeito à vida e a tudo que ela compreender é talvez “nosso sentido sacramental”.

#### Uma nova espiritualidade para a vida religiosa

Em uma série de apresentações sobre a espiritualidade da terra, Elaine Prevallet defende um alargamento e um aprofundamento do compromisso religioso a serviço da vida. Ela começa com uma reflexão sobre o instinto de sobrevivência; este é o mais profundo instinto da vida, compartilhado pelas plantas, animais e a espécie humana, e se expressa pela sede de possuir, pelo desejo sexual e pelo exercício do poder ou do controle. Cada um dos três votos representa uma intenção humana de alinhar a energia fundamental e instintiva ao padrão observado na criação. A pobreza toca a reciprocidade, a interdependência e a frugalidade natural frente às coisas vivas. O celibato indica canalizar a energia sexual ou comunicativa a fim de entrar numa criatividade e numa responsabilidade não biológicas para o bem do conjunto. A obediência salienta a fidelidade de todos os organismos vivos para realizar seu papel na comunidade terrestre. Cada um dos três votos implica, por sua vez, a resistência às normas culturais e à criatividade, inventando opções de estilos de vida alternativos, coerentes com as necessidades planetárias. Os/as religiosos/as buscarão, pois, inventar e conceber novas maneira de viver, opções coerentes com as necessidades da terra, orientadas para a justiça e que dêem testemunho contra-cultural da maneira como os humanos podem viver em harmonia com toda a criação.

Para Alexandra Kovats, os princípios cósmicos de diferenciação, de subjetividade (autopoiesis) e de comunhão proporcionam um contexto permanente para rever e renomear os três votos evangélicos. A diferenciação, princípio cósmico que nomeia a rica variedade das diferenças observáveis no universo, está unida ao voto de pobreza. Posto

que este voto se refere, em primeiro lugar, às relações com os dons da criação, Kovats sugere dar-lhe o nome de respeito cósmico. Este voto desafia os religiosos a manterem relações de respeito com toda a criação de Deus e a admirar a rica diversidade da vida. O voto de castidade se concentra no compromisso de amar e se refere especificamente às relações com outros seres humanos. Como o princípio cósmico de comunhão se relaciona explicitamente com a interdependência, este voto poderia ser renomeado voto de hospitalidade e de solidariedade. Como um lembrete de que tudo pertence à família da vida. Este voto chama os/as religiosos/as a viver uma cor-reta relação, na justiça, com todas as suas irmãs e irmãos. À luz do princípio de subjetividade (autopoiesis), que se refere à dinâmica criativa permitindo a cada um/a chegar a ser ele/ela mesmo/a, o voto de obediência poderia ser renomeado voto de criatividade. Por este voto, os/as religiosos/as são desafiados/as a uma justa relação, pessoal e comunitária, com as energias criativas, à luz de sua missão. Discernimento e colaboração são traços essenciais de como este voto é vivido por aqueles que serão co-criadoras(res) do reino de Deus neste tempo e nesta cultura.

#### Conclusão (ANEXO II)

Uma espiritualidade ecológica chama as/os religiosas/os a trabalhar com a comunidade terrestre ampliada, para formar um processo planetário integral. Centra-se na recuperação da intimidade humana com todos os elementos que participam no universo do ser. Oferece uma nova forma de ministério profético com implicações tanto místicas como práticas. Esta espiritualidade ecológica contribuirá para fazer a transição entre um modo não viável e um modo viável para a comunidade planetária. Sem ela, não pode haver nem vida nem esperança para ninguém nesta casa planetária, que é a nossa.

[ FIM ]

Obs.: Todas as edições do Dei Verbum e a Bibliografia Geral do livro “Poder Global e Religião Universal” podem ser encontradas para download em: <http://www.afjm.org.br/default8.htm>



*Associação Filhos de Jesus e Maria*

[www.afjm.org.br](http://www.afjm.org.br)

Tiragem: 50 exemplares